



CULTURAVIVA

Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

Gilberto Gil
Ministro da Cultura

Juca Ferreira
Secretário-Executivo

Célio Turino
Secretário de Programas e Projetos Culturais

Orlando Senna
Secretário do Audiovisual

Sérgio Mamberti
Secretário da Identidade e Diversidade Cultural

Paulo Miguez
Secretário de Políticas Culturais

Sérgio Xavier
Secretário de Fomento e Incentivo à Cultura

Márcio Meira
Secretário de Articulação Institucional

Letícia Schwarz
Diretora de Gestão Estratégica

Elaine Rodrigues Santos
Diretora de Gestão Interna

Luiz Artur Toribio
Assessor de Comunicação

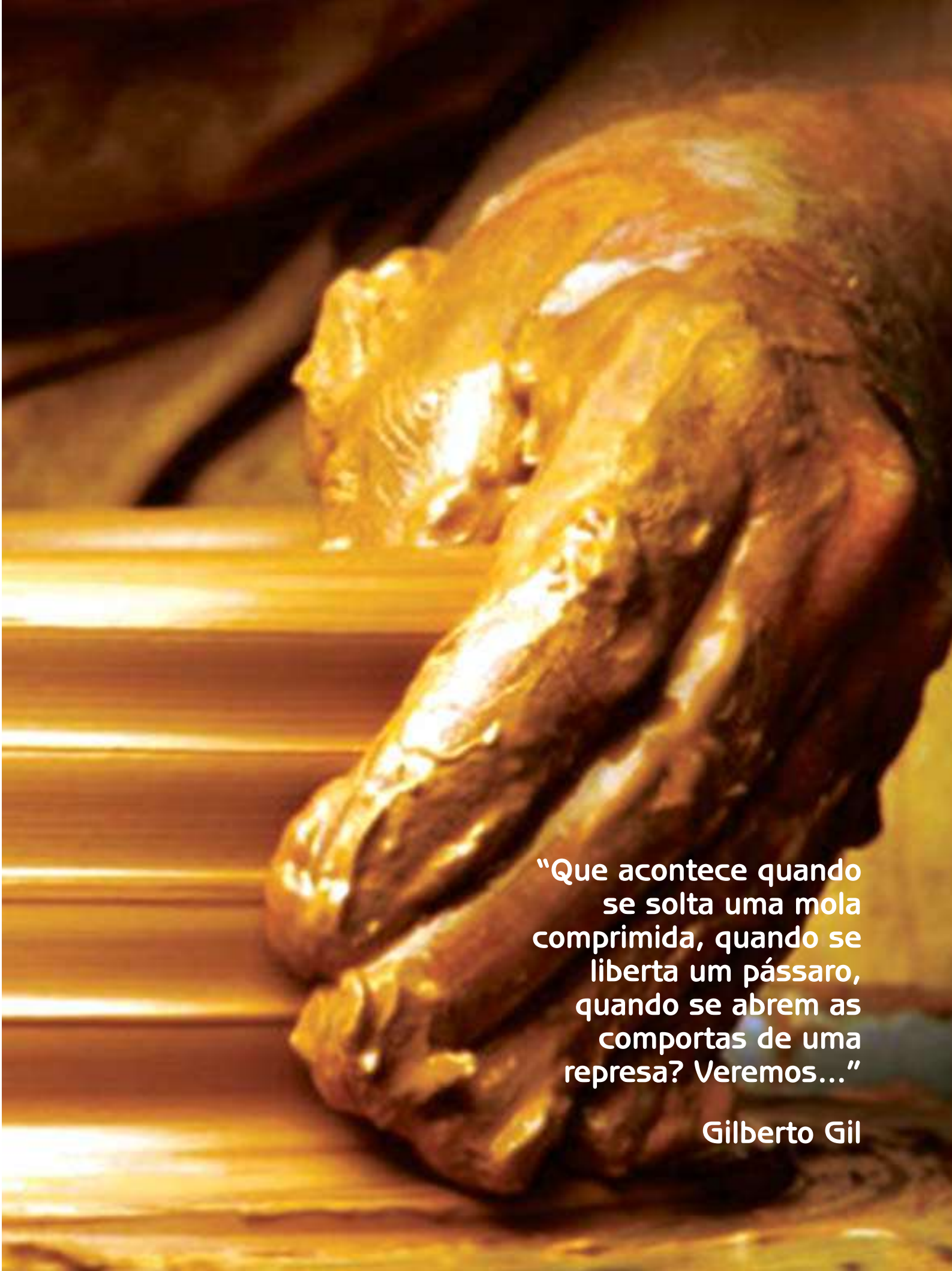
Nossos agradecimentos à Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, à Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional e aos demais Parlamentares, representantes das duas Casas, por colaborar com a ampliação e o fortalecimento do Programa Cultura Viva, por meio de emendas que propiciaram maiores recursos aos Pontos de Cultura.

Sumário

- A verdadeira cultura transcende fronteiras (Luiz Inácio Lula da Silva), **6**
- Que acontece quando se liberta um pássaro? (Gilberto Gil), **8**
- Oportunidades de voz, de comunicação e de vida (Juca Ferreira), **10**
- Desescondendo o Brasil profundo (Célio Turino), **14**
- O que é o Cultura Viva?, **18**
- Ponto de Cultura, **20**
 - Para ser um ponto de cultura, **21**
 - Após esses passos o ponto recebe, **21**
 - Os Pontões, **21**
 - Governos estaduais e prefeituras, **22**
 - Pontos de Cultura no exterior, **22**
- Outras Ações, **24**
 - Agente Cultura Viva, **24**
 - Cultura Digital, **24**
 - Escola Viva, **26**
 - Griôs – mestres dos saberes, **28**
 - Investimentos Federais no Programa Cultura Viva, **29**
- Avaliação e construção do programa, **30**
 - Meios de difusão e comunicação, **30**
 - Conselho Consultivo do Programa Cultura Viva, **31**
 - Revista Cultura Viva, **31**
 - Expedições Cultura Viva, **31**
- Gestão compartilhada e transformadora, **32**
 - Potencialização e encantamento social, **32**
 - Compartilhar e transformar, **33**
 - Tradição, memória e ruptura, **36**
 - Gestão em rede, **37**
 - A dimensão do desenvolvimento na cultura, **38**
 - Algo de novo é possível, **39**
- Experimentação, memória e invenção (Gilberto Gil), **40**
- Portaria de criação do Programa Cultura Viva, **46**
- Edital de Divulgação nº 1, **48**
- Pontos de Cultura selecionados, **52**







“Que acontece quando se solta uma mola comprimida, quando se liberta um pássaro, quando se abrem as comportas de uma represa? Veremos...”

Gilberto Gil

A verdadeira cultura transcende fronteiras*

“O que estamos celebrando hoje é, acima de tudo, o reconhecimento ao que temos de mais caro na alma nacional: nossa cultura - presente na grande arte do futebol, aqui representada pelo rei Pelé, na encantadora música de Caetano e no imenso legado de Orlando Villas Bôas, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz e, ainda, de nosso querido Renato Russo.

A alma brasileira também está impressa nos gibis de Maurício de Sousa, nos quais nossos filhos lêem algumas de suas primeiras palavras - inclusive aprendendo errado, com o Chico Bento, algumas delas - e na forma pela qual cada uma das quarenta personalidades e dos grupos que hoje recebem a Ordem do Mérito Cultural reinventam e transfiguram o mundo com sua imaginação criadora.

E aqui incluo os homenageados e homenageadas que, embora tenham trabalhado com afinco e talento durante toda a sua vida, ainda não merece-

** Trechos do discurso proferido na cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural. Palácio do Planalto, 09 de novembro de 2004.*

ram o devido reconhecimento nos grandes teatros, nas livrarias, no rádio ou na televisão. É o caso da Maria, da Regina e da Conceição das Neves, deficientes visuais que vieram de Campina Grande, lá na Paraíba, para nos brindar com a luz de suas vozes. Ou do Povo do Açude, da Serra do Cipó, em Minas, que mantém viva a dança do Candombe desde o tempo dos escravos.

Juntos, essas personalidades e esses grupos evidenciam a força de nossa identidade cultural. Uma identidade plural, nascida em meio à riqueza artística e imaginativa dos povos que deram origem à nação brasileira. E que sempre manteve fértil diálogo entre a arte popular e a erudita, entre as expressões genuinamente brasileiras e aquelas recebidas de outros países.

E nós sabemos que tudo isso só é possível porque a verdadeira cultura transcende fronteiras, sejam elas entre países, etnias, classes sociais e religiões.

Meus amigos e minhas amigas, estamos empenhados, governo e sociedade, em criar o máximo de possibilidades para expressar, cada vez mais, nossa criatividade. Uma política cultural contemporânea precisa ampliar o acesso aos bens e manifestações culturais, ao mesmo tempo expandindo a possibilidade de as pessoas darem vazão a seu espírito criador. Com os **Pontos de Cultura**, por exemplo, o companheiro Gilberto Gil e sua equipe começarão, em breve, a repassar às comunidades organizadas não só verba para seus projetos, mas também câmeras de vídeo e computadores.

Nosso objetivo é que os artistas populares consigam materializar sua criatividade também em produtos audiovisuais e digitais, usando a tecnologia como forma de divulgação. Duzentos e sessenta e dois **Pontos** já foram selecionados por meio de edital e os primeiros contratos estão sendo assinados. O que propiciará, não só às comunidades urbanas, mas também às

indígenas e quilombolas, acesso aos meios de produção e expressão de sua riqueza cultural. Em 2005, mil comunidades terão sido selecionadas.

Ao mesmo tempo, fortalecemos nossa política de incentivo à produção cultural, para que novos talentos tenham acesso a financiamentos, enquanto trabalhamos nos aperfeiçoamentos legislativos que têm por objetivo valorizar e apoiar a livre difusão cultural (...).

Com toda a sua autonomia, com liberdade e sem nenhuma obrigação propagandística, a arte tem uma capacidade quase mágica de falar às mentes e aos corações de cidadãos e cidadãs de qualquer nacionalidade, compartilhando sensibilidades. Por isso mesmo, constitui poderoso instrumento de construção da paz.

Todos os que estão sendo homenageados aqui, hoje, têm um importante papel nesse processo de construção. E é por isso que desejo agradecer a todos vocês pelo que têm feito por nosso País e dar-lhes os meus mais sinceros parabéns”.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República



Imagem:
Grupo de Teatro Mamulengo Presepada
Projeto Oficina de Teatro Invenção Brasileira

Que acontece quando se liberta um pássaro?

O Ministério da Cultura lança seu programa mais abrangente e profundo do campo da cidadania cultural. Uma iniciativa de *do in antropológico* - expressão que utilizei em meu discurso de posse.

Nos primeiros dias de gestão, definimos que a ação do MinC se daria a partir de um conceito com três dimensões articuladas: cultura como usina de símbolos, cultura como direito e cidadania, cultura como economia. Este programa se inclui na primeira e na terceira dimensões, mas diz respeito sobretudo à segunda. Os **Pontos de Cultura** são intervenções agudas nas profundezas do Brasil urbano e rural, para despertar, estimular e projetar o que há de singular e mais positivo nas comunidades, nas periferias, nos quilombos, nas aldeias: a cultura local.

Não falo de dar o peixe, nem de ensinar a pescar. Falo de potencializar a “pesca” que se faz há muito tempo, em especial nas áreas de risco social, nos territórios de invisibilidade, nos grotões e nos guetos das grandes cidades brasileiras, onde pulsa uma cultura e uma arte tão fortes, mas tão fortes, que não há miséria, não há indignação, não há descaso ou violência que as façam calar. Ao

Pronunciamento sobre o Programa **Cultura Viva**
Berlim, Alemanha, 2 de setembro de 2004.



contrário, elas crescem, elas se consolidam, elas se desdobram e interagem com outras manifestações, influenciando diretamente a cultura da esfera midiática e nacional.

Cada **Ponto de Cultura** será um amplificador das expressões culturais de sua comunidade. Onde se faz (ou se quer fazer) música, haverá um estúdio de gravação digital, com capacidade para gravar, fazer uma pequena tiragem de CDs e botar na Internet o que foi gravado. Onde se faz (ou se quer fazer) vídeo, cinema ou televisão comunitária, haverá um estúdio de vídeo digital, com câmera, ilha de edição, microfones e mala de luz. E mais: dança, teatro, leitura, artes visuais, *web*, enfim, o que a comunidade quiser e puder, ousar e fizer, sonhar e materializar.

O Ministério da Cultura entra com os conceitos, os recursos, o acompanhamento, o treinamento dos monitores, a articulação institucional e a rede - aspecto vital do programa. Todos os **Pontos de Cultura** estarão em rede, a fim de trocar informações, experiências e realizações. Os parceiros locais, por sua vez, entram com os espaços, a gestão e um punhado de compromissos: responsabilidade, transparência, fidelidade aos conceitos, inserção comunitária, democracia, intercâmbio. Os **Pontos de Cultura** terão a cara de seus usuários.

Em alguns lugares, haverá também um **Ponto de Cultura** maior, a ser construído ou reaproveitado, o qual servirá de base para as demais intervenções em grandes regiões ou Capitais. Comunidades e criadores poderão escolher atividades, equipamentos, treinamentos. Serão, ao mesmo tempo, usuários e gestores, por intermédio de conselhos e de parceiros - ONGs ou poder público local.

Trata-se, pois, de um programa flexível, que se molda à realidade, em vez de moldar a realidade. Um programa que será não o que o governante pensa ser certo ou adequado, mas o que o cidadão deseja e consegue tocar adiante. Nada de grandioso, certamente. Mas sua multiplicação integrada, com banda larga e *sites*, emissoras de TV e rádio comunitárias, programas na TV pública e jornais



Imagem:
Grupo Cultural Afro
Reggae Projeto
Levantando a Lona

comunitários, deve produzir uma revolução silenciosa no País, invertendo o fluxo do processo histórico. Agora será da periferia à periferia: depois, ao centro.

Vale dizer que esperamos a adesão de parceiros empresariais - para, inclusive, viabilizar a criação de **Pontos de Cultura** no exterior, onde quer que exista expressivo número de brasileiros - e fechamos um acordo com o Ministério do Trabalho e outros parceiros, a fim de que os jovens monitores recebam uma bolsa mensal e tenham, no **Ponto**, uma referência de capacitação profissional e de formação para a cidadania.

O programa **Cultura Viva** é, sobretudo, uma política pública de mobilização e encantamento social. Mais que um conjunto de obras físicas e equipamentos, implica a potencialização das energias criadoras do povo brasileiro. Não pode ser considerado um simples "deixar fazer", pois provém de uma instigação, de uma emulação, que é o próprio *do-in antropológico*. Mas os rumos, as escolhas, as definições ao longo do processo, são livres. E os resultados, imprevisíveis. E, provavelmente, surpreendentes. Seu sucesso depende de interação, de troca de informações e de ampla distribuição de conhecimento e de realizações.

Que acontece quando se solta uma mola comprimida, quando se liberta um pássaro, quando se abrem as comportas de uma represa? Veremos...

Gilberto Gil
Ministro da Cultura

Oportunidades de voz, de comunicação e de vida

Diversas razões guiaram o Ministério da Cultura no objetivo de dotar o Brasil de um programa de cidadania realmente abrangente, ousado, do tamanho do País.

Ao fazer um exame cuidadoso da cena cultural brasileira, não poderíamos deixar de considerar o impacto, em todas as dimensões da experiência nacional, especialmente a cultural, da enorme dívida do Estado com as populações de baixa renda, desprovidas de acesso e usufruto de direitos elementares - especialmente as gerações mais jovens, mais claramente vulneráveis à violência. Por outro lado, não poderíamos deixar de considerar a significativa resistência, por meio de sistemas, práticas e valores culturais, destas comunidades. Iniciativas que fortaleceram, em vez de dissolver, os laços sociais de crianças, jovens e adultos.

Deslocando o MinC da posição marginal a que foi relegado em governos anteriores e ao colocar em prática a robusta – e necessariamente transversal - ação de inclusão social ora em curso, o Governo Lula optou por reconhecer a centralidade da cultura no impulso de um desenvolvimento sustentável e, em especial, a importância da cultura.

Ao tomar posse, o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, anunciou que haveria – como, de fato, houve – genuína transformação e ampliação do conceito de cultura nas ações de fomento e reconhecimento do Estado brasileiro. O intenso processo de redemocratização do País exigiu o abandono de histórica visão elitizada e concentradora. Visão que desembocava numa política cultural voltada para manifestações consagradas - atividades de pequena parcela da população. Ao formular programas inéditos, como o **Cultura Viva**, passou-se a incluir a diversidade cultural brasileira no escopo das ações de fomento, incluindo o complexo índio e o negro-mestiço e envolvendo todas as linguagens e formações.

O Ministério reconheceu a pluridimensionalidade da experiência cultural. De modo geral, são três as dimensões interdependentes. A dimensão simbólica, relacionada ao imaginário, às expressões artísticas e práticas culturais; a cultura como cidadania, direito assegurado na Carta Magna, nas Declarações universais, condição indispensável do desenvolvimento humano; finalmente, a cultura como economia, geradora de crescimento, emprego e renda. O Programa **Cultura Viva**, assim como os **Pontos de Cultura**, atua nestas três dimensões.

Por meio do programa **Cultura Viva**, o MinC estará envolvendo milhões de jovens no desenvolvimento de aptidões culturais e artísticas. Investimento que, certamente, reverterá em benefício de toda a sociedade brasileira, eis que atuando em favelas e ajudando a cicatrizar nossas explosivas feridas sociais. Justamente por isso, um processo de inclusão social pela cultura não poderia ser programado no vazio – ou estaria condenado de antemão ao fracasso, em consequência do seu desenraizamento comunitário.

Conforme Milton Santos, em sua inovadora geografia crítica, *“a utopia deve ser construída a partir das possibilidades, a partir do que já existe como germe e, por isso, se apresenta como algo factível”*. Esta foi a direção da construção do programa: criar ampla linha de ação a partir do que já existe e já atua, com legitimidade comunitária. Refiro-me a entidades, órgãos locais e mecanis-

mos já existentes, que poderão ser fortalecidos, aperfeiçoados e continuamente avaliados.

O programa **Cultura Viva** traz, implícito, um movimento estratégico de interação e repactuação social e política. O programa promove e possibilita, em larga escala, o encontro entre a população de baixa renda e outra parcela que, acuada pela insegurança, filha da enorme desigualdade social, tem hoje mais acesso à Universidade, a serviços e bens culturais. Por meio de oficinas e outros meios, será possível restabelecer parte do que foi rompido, projetando um Brasil que não seja integrado apenas pela circulação - ainda que precária e não universal - de mercadorias, mas também pela circulação de valores, produções simbólicas e diálogo, acentuando o trânsito da cultura popular nos mercados de massa e o diálogo criativo entre a cultura local e a estrangeira. Uma redistribuição que também seja filha de efetiva interação, permeada de trocas reais e afetivas entre os brasileiros. O **Cultura Viva** pavimenta o caminho de reaproximação e repactuação entre os vários Brasis.

Muitos dos jovens que, ao longo dos anos, serão beneficiados pelo programa **Cultura Viva** hoje se encontram fora dos ambientes da educação pública ou privada, apartados do mundo do trabalho e, em muitos casos, já excluídos do tecido familiar. As linguagens artísticas podem desempenhar papel fundamental nesse processo de reintegração crítica, de recuperação da auto-estima e do sentimento de pertencimento comunitário dessas crianças e adolescentes, propiciando um reordenamento pessoal capaz de fazer frente à experiência desagregadora da rua.

Considero, nesse sentido, que o significado do programa está muito bem sintetizado. **“Cultura Viva”**. Com este foco bem nítido, trata-se de incluir no circuito de trocas simbólicas uma população que, sobrevivendo em meio a violentas contrariedades, oferece imprescindível contribuição à formação cultural de todos os brasileiros. Uma cultura viva, porque diminui a segregação social do País, multiplica os espaços e as chances reais de cada um. Oportunidades de voz, de comunicação e de vida.

Juca Ferreira
Secretário-Executivo do Ministério da Cultura







Desescondendo o Brasil profundo

Precisamos descobrir o Brasil!¹ Precisamos desesconder o Brasil, mostrá-lo para nós mesmos e para o mundo. Precisamos entender o Brasil: em lugar de conceitos rígidos, noções líquidas; em lugar da reta, a curva. Precisamos fundir-nos com o Brasil, tomar um banho em suas águas, que são muitas². Precisamos conhecer mais os fenômenos em ebulição e construir conceitos que se modelem em contato com a realidade viva. Para compreender o Brasil, precisamos nos transformar em poetas³. Precisamos transformar o Brasil!

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – **Cultura Viva**, nasce desse desejo. Por enquanto, o **Cultura Viva** é um programa do Ministério da Cultura, do Governo do Brasil, no entanto, nosso objetivo é consolidá-lo como política de Estado, desenvolvendo ações transversais entre os Ministérios, estados e municípios. A primeira ação foi assinada com o Ministério do Trabalho e Emprego e vai garantir 50.000 bolsas anuais para jovens do Primeiro Emprego. Na seqüência, parcerias com os Ministérios das Comunicações e a Empresa Brasileira de Correios e

Telégrafos: ligação por internet em Banda Larga pelo Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão (G-Sac) e distribuição de produtos culturais produzidos pelas comunidades; Ministério do Meio Ambiente (Salas Verdes); Ministério da Educação (Escola Viva); Ministério do Desenvolvimento Social (erradicação do trabalho infantil e o Fome Zero); Ministério da Ciência e Tecnologia (Casa Brasil e Telecentros) e todos os outros programas e ações onde a cultura couber (e a cultura cabe em todo lugar).

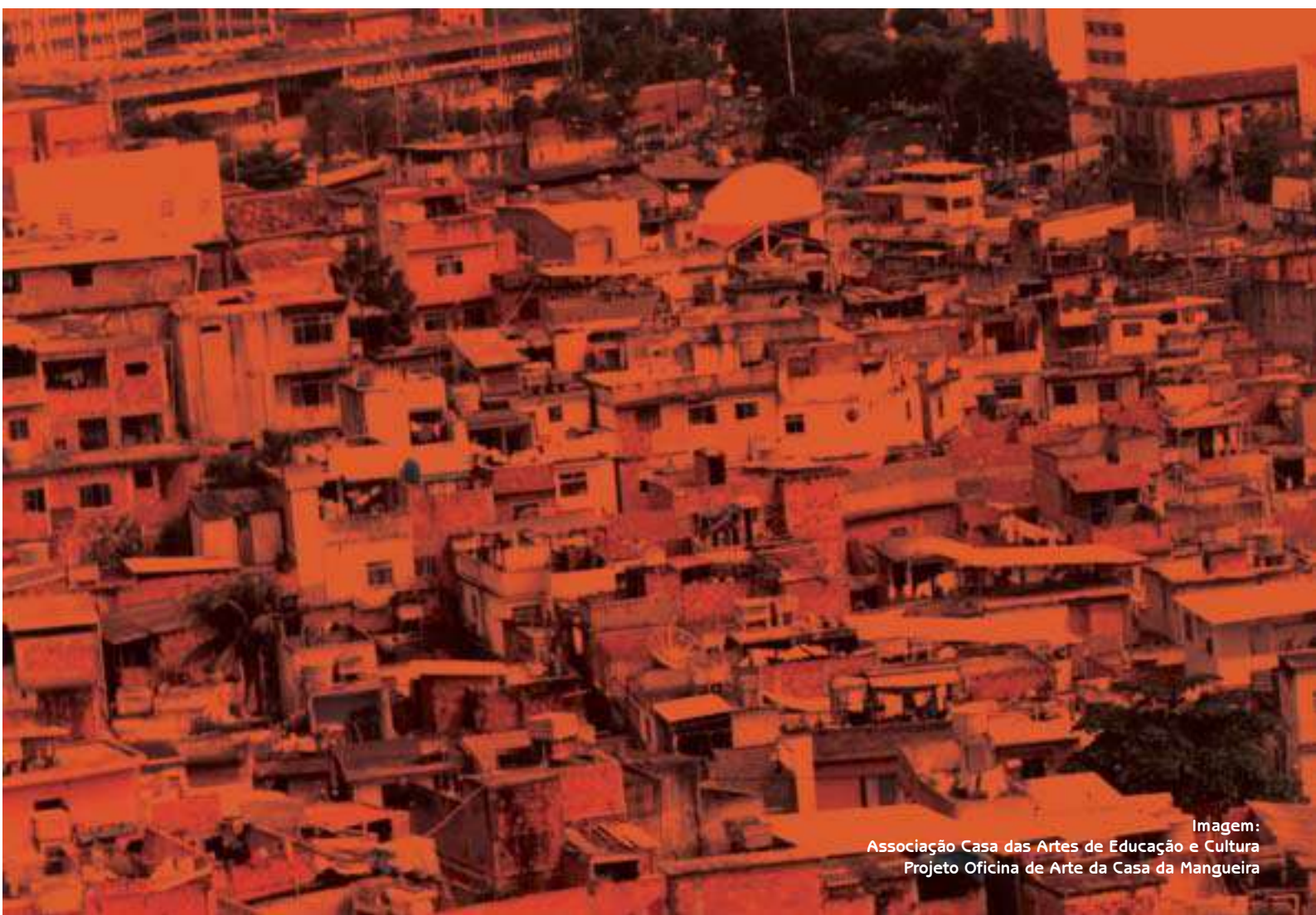
Para transformar o Brasil é preciso ir além de uma política de Estado, afinal, o Estado ainda é de tão poucos. É preciso transformar o **Cultura Viva** em política pública efetivamente apropriada por seu povo. “*A sociedade é produzida por nossas necessidades, o governo por nossa perversidade*” (Thomas Paine, *O Bom Senso*). Mais que oferecer serviços públicos “para” o povo, é preciso compartilhar, unir afeições, promover felicidade. “*A alegria é a prova dos nove*” (Oswald de Andrade, *Manifesto Antropofágico*). Qualidades que o povo brasileiro tem de sobra. Porém, o caminho não é fácil.

-
1. Verso extraído do poema Hino Nacional, de Carlos Drummond de Andrade.
 2. “*Águas são muitas*”, da Carta do Descobrimento, de Pero Vaz de Caminha.
 3. “*O sociólogo que quiser compreender o Brasil não raro precisa transformar-se em poeta*”, conclusão de Roger Bastide, sociólogo francês e um dos primeiros professores da Universidade de São Paulo, in. Prefácio ao livro *Brasil, país de contrastes*.

Ao mesmo tempo em que olhamos para o Brasil e encontramos criatividade e solidariedade, defrontamo-nos com iniquidade, injustiças, maus cheiros, maus tratos... Milhões habitando periferias, favelas e cortiços; outros tantos em municípios desassistidos; trabalhadores sem emprego; camponeses sem terra; famílias sem teto; jovens sem perspectiva de futuro; estudantes sem ensino de qualidade; índios sem direitos; um povo mestiço mas sem igualdade racial; os esquecidos; os desvalidos... Os sem Estado.

Mesmo assim, o País resiste na solidariedade popular. Mães sem emprego cuidam das crianças de mães que encontram trabalho. Aos domingos, amigos fazem mutirão para construir casas. Ao final da jornada, churrasco, samba e cerveja. Os brasileiros são inventivos, empreendedores e alegres. *“Serão os atenienses da América se não forem comprimidos e desanimados pelo despotismo”* (José Bonifácio de Andrada e Silva, *Patriarca da Independência do Brasil*). Precisamos moldar o Estado brasileiro à imagem de seu povo.

O **Cultura Viva** deseja contribuir para essa aproximação, em busca de um Estado ampliado. É um programa de acesso aos meios de formação, criação, difusão e fruição cultural, cujos parceiros imediatos são agentes culturais, artistas, professores e militantes sociais que percebem a cultura não somente como linguagens artísticas, mas também como direitos, comportamento e economia. Há muitas ações de combate à exclusão social, cultural e digital já acontecendo. Fala-se da criminalidade e do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro (e em todas as outras grandes cidades), mas as pessoas envolvidas com isso são minoria. Muito mais gente se mobiliza para recuperar os morros, desenvolver música, dança, teatro... E com estética inovadora! Quem assistiu ao filme *Cidade de Deus*, se impressiona com a narrativa ágil e atores vibrantes. Gente das favelas. Na maior favela de São Paulo, Heliópolis, as casas estão sendo pintadas com cores vivas. Unindo a comunidade, um conceituado arquiteto e empresas. No campo, trabalhadores sem terra criam suas próprias escolas educando mais de 120.000



crianças, além de alfabetizar jovens, adultos e idosos. Em um lixão de Maceió há um circo-escola e valentes guerreiras lutando contra a exclusão social. Uma nova postura vem sendo construída em um Brasil escondido.

Por isso potencializar o que já existe. Acreditar no povo, firmar pactos e parcerias com o que o Brasil tem de melhor: o brasileiro. “*O melhor do Brasil é o brasileiro*” (Câmara Cascudo, folclorista). Mas isso não significa um simples “deixar fazer”, porque, neste caso, os gostos e imposições da indústria cultural acabariam por prevalecer. Da mesma forma, querer levar “luzes”, selecionar cursos e espetáculos que julgamos mais adequados e sofisticados, também continuaria reproduzindo a mesma relação de dependência e subordinação e apenas trocaríamos o dirigismo de mercado pelo de Estado.

Com o **Cultura Viva** vamos experimentar uma outra alternativa, o **desenvolvimento aproximado** entre os **Pontos de Cultura**. Nossa idéia é a de que a troca, a instigação e o questionamento, elementos essenciais para o desenvolvimento da cultura, aconteçam num contato horizontal entre os Pontos, sem relação de hierarquia ou superioridade entre culturas. Um Ponto auxiliando outro Ponto. Alguns oferecem uma experiência mais avançada em teatro, outros em dança; ações sócio-educativas aprendem com a vanguarda estética que se encontra com a tradição e ajudam a construir o novo. Uma troca entre iguais que aprendem entre si e se respeitam na diferença.

O papel da coordenação do programa é o de localizar e formar mediadores na relação entre Estado e sociedade, aproximando as diferentes formas de expressão e representação artística, bem como diferentes visões de mundo. O programa **Cultura Viva** ainda não tem uma resposta acabada a todo esse processo que apenas se inicia, mas, tenta identificar caminhos. Ou, pelo menos, identificar aqueles caminhos que não devem ser trilhados.

Na partida, evitamos uma estrutura fortemente institucionalizada e hierarquizada, pesada na forma de gestão e controle, muito comum na burocracia pública. Menos consensos fabricados (e sonhos roubados) e mais conexões de trabalho que respeitem a diversidade e a busca de micro-soluções para o fortalecimento de redes sociais. Para sedimentar a rede, os **Pontos de Cultura**.

O nome **Ponto de Cultura** surge do discurso de posse do ministro Gilberto Gil, “*um do-in antropológico, um massageamento de pontos vitais da Nação*”. E que Nação é essa? De certo

não é uma massa compacta e estática e muito menos um conjunto de estereótipos e tradições inventadas. A Nação para a qual olhamos precisa ser vista como um organismo vivo, pulsante, envolvido em condições e que necessita ser constantemente energizado e equilibrado. Uma acupuntura social que vai direto ao Ponto. “*Quando há vida, há inacabamento*” (Paulo Freire, educador), mais processo e menos estruturas pré-definidas, menos fossilização e mais vida.



**A rede Cultura Viva
deve ser maleável,
menos impositiva na
sua forma de
interagir com a
realidade e, por isso,
ágil e tolerante como
um organismo vivo.**

A rede **Cultura Viva** deve ser maleável, menos impositiva na sua forma de interagir com a realidade, e por isso, ágil e tolerante como um organismo vivo. O objetivo é fazer uma integração dos Pontos em uma rede global que aconteça a partir das necessidades e ações locais. A interação entre o global e o local deve respeitar o crescimento das ações desenvolvidas em cada **Ponto de Cultura**, de modo que eles ganhem musculatura e estrutura óssea e conquistem sua sustentabilidade e emancipação. Tal modo de pactuar com a sociedade foi definido como **Gestão Compartilhada e Transformadora** e envolve os conceitos de **empoderamento, autonomia e protagonismo social**. Enquanto nos afastamos das velhas “neo” cartilhas, clareamos os conceitos, à medida que a experiência social avança e os fenômenos tornam-se explicitados. Menos *receitadores* e mais educadores, este parece ser um bom caminho.

Nesta publicação estão algumas idéias, conceitos e ações que nos permitiram iniciar a caminhada: o **Ponto de Cultura** como espaço de sedimentação da macro rede **Cultura Viva** - de organização da cultura em nível local e de mediação na relação entre Estado e sociedade e entre os outros Pontos, constituindo redes por afinidade; a **Cultura Digital** como um instrumento de aproximação entre os Pontos, que desencadeia um novo modo de pensar a tecnologia, envolvendo generosidade intelectual e trabalho colaborativo (por isso, o software livre, adotado como opção tecnológica e filosófica); os **Agentes Cultura Viva** como protagonistas de um processo que integra inclusão social, econômica, cultural, digital e política na construção de uma **cidadania emancipatória**; a **Escola Viva** como uma ação que integra o **Ponto de Cultura** à escola, apontando para um outro modelo de envolvimento social com a educação, que vai além dos muros escolares e ganha a cidade.

Definidas estas quatro ações (Ponto de Cultura, Cultura Digital, Agentes Cultura Viva e Escola Viva) observamos que faltava uma integração dialética entre **tradição, memória e ruptura**. Tradição enquanto ponto de partida, memória enquanto reinterpretação do passado e ruptura enquanto invenção do futuro. Assim, incluímos uma quinta ação, o **Griô**, que será lançada até o final de 2005 e oferecerá bolsas para os velhos mestres do saber popular: os organizadores de quadrilhas, de folias de reis, congadeiros, artesãos, paneleiras, rendeiras, repentistas, rabequeiros, contadores de histórias, construtores de brinquedos, baianas do acarajé,

mestres de capoeira... Velhos brasileiros que tanta sabedoria têm a nos oferecer. Cada um receberá um salário mínimo por mês para formar jovens aprendizes e continuar fazendo exatamente o que já fazem. **Griô** foi a forma brasileira que encontramos para a expressão em francês *Griot*, que designa artistas e narradores de história da África Ocidental, homens que caminhavam (e caminham) de aldeia em aldeia repassando a história de seu povo. Ao transformarmos o **Griô** em uma ação do **Programa Cultura Viva**, pretendemos nos aproximar ainda mais do saber popular e nos encontrar com a África.

Unindo o conjunto de ações, um programa na televisão, uma revista, cartazes murais e portal pela internet, efetivando a integração em rede e o protagonismo dos **Pontos de Cultura**. Assim, mergulhamos em um Brasil profundo, escondido. *“Um outro mundo é possível”* (Fórum Social Mundial). Esse é o caminho que escolhemos e para o qual convidamos todos aqueles, brasileiros ou não, a caminhar conosco, por uma **Cultura Viva**.

Célio Turino

*Secretário de Programas e Projetos Culturais
Coordenador do Programa Cultura Viva*

Imagem:
Associação Casa das Artes
de Educação e Cultura
Projeto Oficina de Arte da
Casa da Mangueira



O que é o Cultura Viva?

O programa **Cultura Viva** é concebido como uma rede orgânica de criação e gestão cultural, mediado pelos **Pontos de Cultura**, sua principal ação. A implantação do programa prevê um processo contínuo e dinâmico e seu desenvolvimento é semelhante ao de um organismo vivo, que se articula com atores pré-existentes. Em lugar de determinar (ou impor) ações e condutas locais, o programa estimula a criatividade, potencializando desejos e criando situações de encantamento social.

Encantamento social pressupõe envolvimento intelectual e afetivo, criando uma mágica motivadora em que as pessoas cada vez mais são estimuladas a criar e participar. No entanto, “...se o povo sabe o que quer, ele também quer o que não sabe”*. Para saber é preciso conhecer, formar gosto, ganhar competência para interpretar signos e códigos. O papel da coordenação do programa será o de fomentar o processo de reinterpretação cultural, estimulando a aproximação entre diferentes formas de representação artística e visões de mundo.

“Aqui se faz cultura” pode ser um dos lemas dos **Pontos de Cultura**, que, ao serem reconhecidos como sujeitos, também reconhecem os outros, intensificando a troca entre si. O papel do Ministério da Cultura é o de agregar recursos e novas capacidades a projetos e instalações já existentes, oferecendo equipamentos que amplifiquem as possibilidades do fazer artístico e recursos para

uma ação contínua junto às comunidades. São objetivos do Cultura Viva:

- ampliar e garantir o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural;
- identificar parceiros e promover pactos com diversos atores sociais governamentais e não-governamentais, nacionais e estrangeiros, visando um desenvolvimento humano sustentável, tendo na cultura “a principal forma de construção e de expressão da identidade nacional, a forma como o povo se reinventa e pensa criticamente”;
- incorporar referências simbólicas e linguagens artísticas no processo de construção da cidadania, ampliando a capacidade de apropriação criativa do patrimônio cultural pelas comunidades e pela sociedade brasileira como um todo;
- potencializar energias sociais e culturais, dando vazão à dinâmica própria das comunidades e entrelaçando ações e suportes dirigidos ao desenvolvimento de uma cultura cooperativa, solidária e transformadora;
- fomentar uma rede horizontal de “transformação, de invenção, de fazer e refazer, no sentido da geração de uma teia de significações que nos envolve a todos”;
- estimular a exploração, o uso e a apropriação dos códigos de diferentes meios e linguagens

artísticas e lúdicas nos processos educacionais, bem como a utilização de museus, centros culturais e espaços públicos em diferentes situações de aprendizagem e desenvolvendo uma reflexão crítica sobre a realidade em que os cidadãos se inserem;

- promover a cultura enquanto expressão e representação simbólica, direitos e economia

QUAL O PÚBLICO PRIORITÁRIO DO CULTURA VIVA?

- Populações de baixa renda, habitando áreas com precária oferta de serviços públicos, tanto nos grandes centros urbanos como nos pequenos municípios;
- adolescentes e jovens adultos em situação de vulnerabilidade social;
- estudantes da rede básica de ensino público;

- habitantes de regiões e municípios com grande relevância para a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental brasileiro;
- comunidades indígenas, rurais e remanescentes de quilombos;
- agentes culturais, artistas e produtores, professores e coordenadores pedagógicos da educação básica e militantes sociais que desenvolvem ações de combate à exclusão social e cultural;
- e todo brasileiro que sonha com uma cultura viva.

O Programa Cultura Viva é constituído de cinco ações, descritas a seguir.

** Todas as expressões entre aspas pertencem ao discurso de posse do Ministro Gilberto Gil (constante no anexo).*



Imagem:
Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga - AGUA
Projeto ECOS - Escola de Comunicação da Serra

Ponto de Cultura

“Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio, e eu moverei o mundo”.
Arquimedes (matemático grego – supostamente entre 287 a.C. e 212 a.C.)

O **Ponto de Cultura** é a ação prioritária do **Programa Cultura Viva** e articula todas as suas demais ações. Ele é a referência de uma rede horizontal de articulação, recepção e disseminação de iniciativas e vontades criadoras. Uma pequena marca, um sinal, um ponto sem gradação hierárquica, um ponto de apoio, uma alavanca para um novo processo social e cultural. Como um mediador na relação entre Estado e sociedade, e dentro da rede, o **Ponto de Cultura** agrega agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si.

O **Ponto de Cultura** não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade. Por comunidade entendemos não somente os agentes estritamente ligados à produção artística, como também usuários e agentes sociais em um sentido amplo.

A adesão à rede de **Pontos de Cultura** é voluntária e dá-se a partir de chamamento público, por edital. O Ponto pode ser instalado em uma pequena casa, ou barracão, em um grande centro cultural, ou museu... Basta que os agentes da cultura viva se apresentem e se ofereçam. A partir do Ponto, desencadeia-se um processo orgânico agregando novos agentes e parceiros e identificando novos *pontos* de apoio: a escola mais próxima que mantém suas instalações e recursos fechados à comunidade do entorno, o salão da igreja, a sede da sociedade amigos do bairro, a garagem de algum voluntário que sonhou com (e fez) uma biblioteca comunitária. Até – por que não? – a sombra de uma árvore.

São inúmeras as possibilidades de combinação de ações a partir das disponibilidades vinculadas à dinâmica própria de cada comunidade. A partir dessa dinâmica, serão definidas as necessidades de instalação física e de equipamentos de cada **Ponto de Cultura**. Em um deles, o eixo pode ser a capoeira; em outro, um estúdio de gravação de hip-hop; em outro ainda, uma oficina de restauração, grupo de teatro ou de mímica, oficina de produção de textos e roteiros, atividades circenses, coral, círculo de leitura, cineclubes, produção de programas para radiodifusão, balé moderno ou clássico, pólo de produção de vídeo digital, break ou danças regionais, oficina de escultura ou desenho, aula de violão ou percussão. Quem escolhe é o povo. Às escolhas, o Ministério da

Cultura agregará novas ações e circuitos culturais. Pontos de diferentes matizes estarão instigando seus pares. Até que o eixo de cada Ponto passe a agregar novos eixos e a partir de um ponto surja uma espiral.

Enfim, o **Ponto de Cultura** será “uma espécie de ‘do-in’ antropológico, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do País (...)”; “será o espaço da experimentação de rumos novos. O espaço da abertura para a criatividade popular e para as novas linguagens. O espaço de disponibilidade para a aventura e a ousadia. O espaço da memória e da invenção”*.

Para ser um Ponto de Cultura:

- deve-se participar do edital de divulgação do Ministério da Cultura, enviando projeto para análise da Comissão Nacional de Avaliação,

composta por autoridades governamentais e personalidades culturais;

- havendo a inclusão por seleção, será celebrado convênio com o Ministério da Cultura.

Após esses passos, o Ponto recebe:

- até 185 mil reais, em parcelas semestrais, para investir no prazo de dois anos e meio, conforme projeto definido pelo próprio Ponto;
- 50 bolsas do Programa Primeiro Emprego do Ministério do Trabalho e Emprego, no valor de 150 reais, para jovens de 16 a 24 anos. Cada bolsa tem a duração de seis meses. Findo o prazo, outro jovem é selecionado. O jovem ganha para desenvolver o projeto do Ponto e frequentar cursos que o capacitem para gerar renda própria a partir da cultura, e melhor exercer sua cidadania;

Parte do incentivo recebido na primeira parcela, no valor mínimo de 25 mil reais, deverá ser utilizado para aquisição de equipamento multimídia em software livre (os programas serão oferecidos pela coordenação), composto por microcomputador, mini-estúdio para gravar cd, câmera digital, ilha de imagem e o que seja importante para o Ponto. Os equipamentos conectam-se por meio de internet banda larga, tecendo uma grande rede de Pontos espalhados pelo Brasil e pelo exterior, na qual circularão imagens, sons e produtos – base de um sistema de produção material e imaterial compartilhada. Para o melhor desempenho dessa ação, há conversações em andamento entre o Ministério da Cultura e o Programa G-sac, do Ministério das Comunicações.

Os Pontões

Quando em uma localidade houver certa “densidade” de Pontos de **Cultura**, o Ministério da Cultura proporá a constituição de **Pontões**. Grupos de Pontos e governos locais também poderão fazê-lo.

Os Pontões serão espaços culturais, aproveitados ou construídos, geridos em consórcio pelos



Pontos de Cultura, que receberão recursos de até 500 mil reais/ano para o desenvolvimento de programação integrada, aquisição de equipamentos e adequação de instalações físicas. Seu financiamento se dará por meio de parcerias com empresas públicas e privadas e governos locais, e sua missão será a de constituir-se em espaços de articulação entre os Pontos.

Governos estaduais e prefeituras

A participação do poder público local no **Cultura Viva** poderá ser de três formas:

- como proponente de um ou mais **Pontos de Cultura**. Neste caso, deve-se participar de edital específico para instituições governamentais;

- como parceiro de um ou mais projetos, oferecendo apoio e orientando projetos no âmbito de sua comunidade. Neste caso, o proponente será uma entidade;
- como co-gestor com o Ministério da Cultura na seleção de projetos de **Pontos de Cultura** no âmbito de sua área administrativa. Neste caso, já não é proponente de projeto, nem parceiro de entidade: é concedente e disponibiliza parte de seus recursos para a implementação dos projetos.

Pontos de Cultura no exterior

Como parte integrante da política externa traçada pela Presidência da República e pelo Ministério das Relações Exteriores, fundada na cooperação internacional e na afirmação do País como Nação soberana, o **Cultura Viva** planeja localizar **Pontos de Cultura** nas comunidades de brasileiros residentes no exterior, nos Países do Mercosul e na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (Portugal, África e Ásia).

Cada Ponto receberá 30 mil dólares/ano, que serão captados junto a empresas, organismos multilaterais e governos amigos. Esses Pontos, conectados aos Pontos do território brasileiro, formarão uma rede internacional de produção compartilhada e de troca de produtos simbólicos, fortalecendo a relação sul-sul, horizontalizando a relação sul-norte e colaborando com a construção de uma corrente solidária e contra-hegemônica.

** Discurso de posse do Ministro da Cultura Gilberto Gil.*

Imagem:
Associação Casa das Artes de Educação e Cultura
Projeto Oficina de Arte da Casa da Mangueira





Outras ações

Agente Cultura Viva

O **Agente Cultura Viva** é a ação que se articula ao **Ponto de Cultura** para incitar no jovem o interesse em iniciar, futuramente, uma profissão relacionada à cultura. Serão jovens de 16 a 24 anos que, durante seis meses, receberão um auxílio financeiro de 150 reais por mês para desenvolver ações previstas no projeto de seu **Ponto de Cultura**. Onde for Maracatu ou Escola de Samba: confecção de fantasias, oficinas musicais...; com Hip Hop, grafiteagem, DJ, organização de eventos; nos Pontos em que houver uma ação com o audiovisual: capacitação em roteiro, câmera... assim por diante. A capacitação específica é definida pelo **Ponto de Cultura** e a coordenação do programa contribui com o acompanhamento em educação popular, empreendedorismo cultural e microcrédito. O objetivo é fomentar a geração de renda nas próprias comunidades, a partir de uma economia solidária.

O **Agente Cultura Viva** é uma parceria com o programa Primeiro Emprego, do Ministério do Trabalho e Emprego e beneficiará aproximadamente 100 mil jovens até 2006. Além das bolsas e dos cursos, eles terão acesso aos mecanismos que facilitem a emissão de carteira de trabalho e previdência social e a outros programas e ações promovidos pelo Governo Federal.

Cultura Digital

A ação **Cultura Digital** é o instrumento que permitirá a apreensão do que existe de mais “palpável na cultura brasileira, o nosso patrimônio imaterial” (discurso no ato de entrega do Prêmio Mérito Cultural – Ministro Gilberto Gil), dando visibilidade e circulação à produção dos **Pontos de Cultura**: os tambores do Tocantins, o samba do Recôncavo, a ciranda de Pernambuco, a viola do Brasil Central...

Com a **Cultura Digital**, as comunidades poderão gravar sua própria imagem, como acontece com o **Ponto de Cultura Vídeo nas Aldeias**, com os índios Ashaninka e Kaxinawá, no estado do Acre, em que há uma inversão no tradicional processo de registro da imagem audiovisual das manifestações populares. Ao invés de serem filmados por um olhar externo, os índios são capacitados para utilizar uma câmera de filmagem, fazer roteiros e edição, e assim, se apresentam por eles mesmos. Outro **Ponto de Cultura, Thydewá – índios on line**, apresenta um processo semelhante interligando em rede os índios do nordeste brasileiro, principalmente nos estados da Bahia e Alagoas; as comunidades estão sendo capacitadas para produzir a sua página na internet, criando um sistema de comunicação próprio, fortalecendo o seu protagonismo.

Com a **Cultura Digital**, cada Ponto recebe um estúdio multimídia. Um equipamento nada sofisticado, quase caseiro (mesa em dois canais de áudio, filmadora, gravador digital e dois computadores que funcionam como ilha de edição), mas permite gravar um CD, produzir um vídeo, colocar uma rádio no ar e uma página na internet, tudo com programas em software livre. O equipamento digital deixa de ser apenas um meio, uma ferramenta e passa a ser entendido em sua dimensão filosófica, por isso o tratamos como cultura. Desta forma, cada comunidade pode gravar sua música, registrar sua imagem e colocá-las no ar, exercitando o processo de troca cultural entre os Pontos. Pela internet será possível produzir um programa de rádio com pessoas em diversas regiões do País (e mesmo em outros Países), ou então compor uma música coletivamente, experimentar novos sons, ritmos, timbres...; juntar tambores japoneses, o Taykô, com percussão baiana.

A manipulação destas tecnologias em software livre assume uma dimensão estratégica, não pela questão de custos dos programas, o que já seria justificável, mas pelo conceito. Operar em Software Livre significa que o código fonte dos programas estará aberto, podendo ser modificado e melhorado por toda a comunidade que o utiliza. Isto é autonomia, poder. Ao contrário de capacitar as pessoas apenas para aprender a “mexer” nos programas, tornando-as escravas da máquina (e dos donos dos programas), pretendemos que nos **Pontos de Cultura** elas se desenvolvam como sujeitos de sua própria transformação. O software

livre traz consigo conceitos e práticas de compartilhamento tecnológico, generosidade intelectual e trabalho colaborativo, estabelecendo um novo patamar de vida social.

Uma rede digital interligando todos os **Pontos de Cultura** viabilizará, em escala nacional, experiências de compartilhamento da gestão pública, inovando no processo de controle e participação em políticas públicas. Trata-se de uma tentativa de adotar uma concepção ampliada de política na qual a sociedade civil deve ocupar espaços participativos de deliberação pública, sem ter que assumir responsabilidades que deveriam ser próprias do Estado, preservando sua autonomia.

SOFTWARE LIVRE

A concentração dos meios de produção nunca ocorreu de forma tão impositiva e centralizada como nos tempos atuais. Concentração que acontece a partir do aprisionamento do conhecimento e da transformação deste em instrumento para a acumulação do capital. Conhecimentos milenares são apropriados e patenteados por indivíduos e corporações, com o objetivo único de sua mercantilização, condenando, muitas vezes, milhões de pessoas à morte, como no caso da AIDS. A patente de sementes modificadas geneticamente, por exemplo, em poucas décadas poderá subtrair um direito humano básico, que é o de plantar e colher o seu próprio alimento, obrigando nova compra a cada colheita. Assim também acontece com o código fonte da tecnologia da



informação que é monopólio mundial de, praticamente, uma única empresa. Por isso o **Cultura Viva** desenvolve o exercício de práticas intelectuais colaborativas e mais generosas. Por isso o software livre, e o estímulo a um sistema de trocas mais equilibrado e feliz.

O saber científico e tecnológico é cumulativo e resulta de um conjunto de contribuições desenvolvidas ao longo da história. Nossos índios são excelentes farmacêuticos, mas o seu conhecimento sobre propriedades botânicas é continuamente expropriado por piratas da consciência humana. Entre os índios do norte da Amazônia, há o mito do gigante Piaimã, o comedor de gente, talvez esta seja uma boa definição para aqueles que transformam o acervo imaterial em mercadoria.

Aulas de música e de confecção de instrumentos. Uma das formas encontradas pela Casa de Cultura Tainã para democratizar a cultura e manter a tradição da comunidade.



A Era digital coloca o mundo diante de uma encruzilhada que envolve paradigmas éticos e sociais. Por um lado, podemos caminhar para um modelo de concentração de poder e capital nunca antes imaginados. Por outro, é possível fazer surgir novos processos de produção cultural e econômica cada vez mais descentralizados, baseados na colaboração e no compartilhamento veloz de informação. Optamos pelo segundo caminho.

Um caminho a ser observado dá-se em relação aos direitos autorais. No contexto digital, os direitos autorais concebidos sob a ótica de “todos os direitos reservados” se flexibilizam, permitindo a passagem para “alguns direitos reservados” ou mesmo “nenhum direito reservado” sobre as obras criadas, protegidas agora sob novas licenças de propriedade intelectual como Creative Commons e

Copyleft. Assim, a Internet representa muito mais que uma nova possibilidade interativa, onde todos podem se comunicar com todos. Ela promove profundas transformações sociais. A difusão e o acesso aos novos conhecimentos gerados local e globalmente se constituem práticas cada vez mais necessárias à cidadania do novo século. Mas, como dissemos, esta é apenas uma possibilidade, pois antes disso é necessário que a sociedade escolha qual o caminho ético que seguirá.

METARECICLAGEM

O processo de metareciclagem é um dos eixos temáticos da ação **Cultura Digital**. Seu principal objetivo é transformar equipamentos tidos como ultrapassados em tecnologias apropriadas ao desenvolvimento social. Por meio da reutilização de máquinas e componentes usados, várias comunidades podem se apropriar de forma criativa e soberana da tecnologia, decapando computadores, dominando seus códigos e fontes e até mesmo pintando o seu invólucro. Além de representar um reaproveitamento de máquinas e redução de custos, a metareciclagem visa a criação de identidade do usuário com a máquina, assegurando autonomia tecnológica voltada para o êxito e a continuidade dos **Pontos de Cultura**.

Sucata tecnológica transformada em ferramenta de inserção cultural e social.



Escola Viva

A ação **Escola Viva** tem como objetivo integrar os Pontos à escola de modo a colaborar para a construção de um conhecimento reflexivo e sensível por meio da cultura. Desta forma, o programa estará contribuindo para a expansão do

capital social brasileiro – primordial no processo de sustentabilidade do desenvolvimento econômico, no qual o “saber-fazer” e o “saber-ser” de cada canto do País possa ser alargado e aprofundado, mantendo-se aberto à chegada de novas linguagens, gerando capacidades de criação, tolerância, autonomia e criatividade – imprescindíveis à construção da cidadania.

Com esta ação poderemos resgatar a interação entre cultura e educação, sem que haja distinção de valor e de atitude entre emoções, sentimentos, pensamento e conhecimento, de modo que, a cultura seja praticada como uma forma de inteligibilidade da identidade nacional, da emoção. A cultura em suas diversas linguagens não será tratada apenas como representação, mas também como construção estética do ser brasileiro.

A intenção é atuar em duas frentes, transformando as experiências inovadoras das escolas em **Pontos de Cultura** ou transformando o Ponto em uma escola de cultura brasileira, lançando edital conjunto entre os Ministérios da Educação e da Cultura para incentivar e convidar escolas que já desenvolvem propostas inovadoras a apresentarem seus projetos pedagógicos, nos quais, a cultura seja elemento estruturante. Em linhas gerais, os editais poderão contemplar ações de:

- **conhecimento da cultura brasileira** – linguagens, arte, manifestações populares e de educação patrimonial;
- **integração artes, patrimônio, equipamentos culturais e escola**, conformando a cidade educativa;
- **criação do Prêmio Escola Viva**, para ações de educação cultural e lúdicas inovadoras, que estejam sendo desenvolvidas na comunidade escolar, inclusive, abrindo-se à comunidade em geral;
- **escola Aberta aos finais de semana**, podendo promover uma efetiva interligação com os **Pontos de Cultura**, em um processo de troca e abertura para as expressões vivas da cultura do entorno escolar e de toda a sociedade;
- **recreio nas Férias** com foco em ações que envolvem oficinas culturais e recreativas, brincadeiras, passeios a museus, parques, teatros e outros elementos de lazer, bem como a apresentação, em cada pólo, de pelo menos um espetáculo artístico.



A Casa dos Meninos oferece cursos profissionalizantes e práticas educativas – como esportes e artes plásticas - a cerca de 400 jovens e crianças por mês.

A outra frente será estabelecer parceria direta com as escolas. Cada Ponto pode se transformar em um “Parque da Escola”, resgatando a proposta original do educador Anísio Teixeira, em bases mais comunitárias, inclusive, fazendo uma integração com outro programa governamental, o Segundo Tempo, do Ministério dos Esportes. Antes ou depois do horário das aulas, em um segundo turno, crianças e jovens participarão de oficinas e atividades culturais diversas, integradas ao cronograma escolar, a partir das diretrizes e parâmetros curriculares que já estabelecem o tema transversal cultura. No Jardim São Luís, na Zona Sul de São Paulo, ao lado do cemitério com a maior concentração de meninos assassinados em todo o Brasil, já acontece uma experiência semelhante no **Ponto de Cultura Casa dos Meninos**. Depois do horário das aulas eles se dirigem à Casa e tem aulas de artes, fazem jornal comunitário, mapeamento socio-econômico-cultural das ruas vizinhas em uma aprendizagem que interage com a realidade local.

Os Pontos que optarem por este tipo de ação, receberão preparo e acompanhamento pedagógico especializado. Desta forma, constituiremos um espaço de interação dialógica e vivencial, permitindo que a partir das experiências culturais desenvolvidas em cada Ponto, o aluno possa identificar os signos e códigos da cultura local, e na troca de experiência com outros Pontos, apropriar-se do conhecimento estético e ético do que é a cultura brasileira e de como ela se relaciona com as outras culturas.



Imagem:
 União Nacional dos Estudantes
 Projeto CUCA - Centro Universitário de Cultura e Arte - São Paulo

Griôs – mestres dos saberes

Márcio, conhecido como “Velho Griô”, é um contador de histórias, músico e poeta, que caminha pelos diversos vilarejos do sertão da Bahia “aprendendo e ensinando cultura”. Dona Severiana, em Trucanhém, interior de Pernambuco, dá forma ao barro, criando bichos, santos e figuras que contam a sua história e a de sua comunidade. Dona Noemiza é a mais conhecida paneleira do Vale do Jequitinhonha e, apesar do reconhecimento artístico, vive isolada e em condições financeiras difíceis. Mestre Didi, conhecido como “o guardião dos segredos da Bahia”, pinta as cores e a diversidade de seu povo.

Griô é o “abrasileiramento” da palavra francesa *griot*, usada por jovens africanos que foram estudar em universidades francesas. Movidos pela preocupação com a preservação de seus contadores de histórias, que carregam consigo a tradição oral (“a morte de um *griot* representa um incêndio em uma biblioteca”, diziam), consolidaram um conceito e uma atividade secular entre seu povo, também expressado na palavra *dielis*.

São pessoas que por diversas razões, circunstâncias e habilidades, acumularam conhecimentos que pertencem às suas comunidades e que podemos entender como “patrimônio cultural imaterial”. São as práticas, representações, expressões e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial é transmitido de geração a geração.



Aproximando-se do Programa “*Living Human Treasures*”, literalmente: Tesouros Humanos Vivos, da UNESCO, a ação **Griô – Mestres dos Saberes**, visa preservar esses bens, incentivando a transmissão desses conhecimentos acumulados, das habilidades, do “saber fazer”.

Como forma de potencializar essas ações que já ocorrem, o programa buscará parcerias com os Ministérios do Trabalho, da Previdência Social e da Educação para dar apoio financeiro e material a esses Mestres dos Saberes, para que continuem, com menos dificuldades, a preservar e reinventar nossa cultura.

Investimentos Federais no Programa Cultura Viva

Repasso direto para os Pontos de Cultura (entidades não governamentais)

2005	R\$ 32.000.000,00 (500 Pontos de Cultura)
2006	R\$ 54.000.000,00 (1000 Pontos de Cultura)
2007	R\$ 65.000.000,00 (1000 Pontos de Cultura)

Repasso direto para estados e municípios fomentarem redes locais de Pontos de Cultura

2005	R\$ 15.000.000,00
2006	R\$ 20.000.000,00
2007	R\$ 25.000.000,00

Gestão, capacitação e acompanhamento da rede Cultura Viva-Pontos de Cultura

2005	R\$ 14.000.000,00
2006	R\$ 14.000.000,00
2007	R\$ 14.000.000,00

TOTAL

2005	R\$ 61.000.000,00
2006	R\$ 88.000.000,00
2007	R\$104.000.000,00

TOTAL GERAL R\$253.000.000,00

1. O repasse para o segundo edital terá o valor máximo total de R\$ 185.000,00, por Ponto de Cultura, distribuídos em 5 parcelas semestrais, sendo R\$ 50.000,00 para o 1º semestre (inclusive repasse para compra de equipamentos de cultura digital), R\$ 30.000,00 no 2º semestre e R\$ 35.000,00 para os 3º, 4º e 5º semestres.
2. Pontão de Cultura – R\$ 500.000,00 por Pontão/ano
3. Ponto de Cultura no Exterior – US\$ 30.000,00 por Ponto/ano

Construção e avaliação do programa

“Ora, seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, de classe, da relação com o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente.”

Marilena Chauí (1985)

Está, entre os objetivos do programa **Cultura Viva**, construir instrumentos de avaliação que contribuam para mensurar os impactos sociais e econômicos da cultura. A coleta dessas informações terá a finalidade de mensurar o potencial mercadológico, ou, o retorno financeiro da produção cultural dos Pontos. O interesse ao colher esse tipo de informação, é o de identificar o potencial da cultura para a formação humana e crítica dos indivíduos e detectar em que medida ela pode ser capaz de mudar as condições de vida dos sujeitos coletivos.

Para este tipo de avaliação os retornos econômicos são importantes, mas não podem ser tratados como relação custo/benefício, inclusive, porque pela própria escala do projeto e da produção cultural que dele resultar, seria pouco realista estabelecer parâmetros de comparação com outras formas de produção e disseminação de cultura, como as da indústria cultural. Assim sendo, em consonância com o tratamento dado à cultura, pode-se dizer que espera-se, a partir desses instrumentos, captar o alcance dos objetivos do programa em seus conceitos básicos: as trocas culturais, o fortalecimento de iniciativas culturais locais, e o desenvolvimento, nos indivíduos, da consciência crítica e do espírito solidário e cooperativo, incluindo o respeito às diferenças.

Meios de difusão e comunicação

O funcionamento da rede pressupõe, sobretudo, motivação e encantamento social. Mais que um conjunto de obras físicas, o **Cultura Viva** envolve a potencialização das energias criadoras do nosso povo. O sucesso do programa envolve a interação, a troca de informações e a ampla distribuição de conhecimento que só pode se realizar plenamente por instrumentos de comunicação e difusão bastante eficazes.

Estes não podem ser confundidos com uma mera divulgação institucional. São parte fundamental e constitutiva do corpo de implantação do programa. A ação necessitará dos seguintes meios:

- Programa de TV **Cultura Viva** – Programa semanal que irá apresentar experiências e iniciativas das comunidades, debates conceituais, produtos visuais elaborados nas comunidades e agenda de atividades;
- Programa de rádio **Cultura Viva** – O mesmo conteúdo da TV adaptado à linguagem do rádio. O programa também deverá ser disponibilizado para transmissão via internet e oferecido para retransmissão por rádios locais ou comunitárias;
- Spots televisivos **Cultura Viva** – transmitidos na rede comercial;
- Portal **Cultura Viva** – para a apresentação de todas as iniciativas da rede, banco de dados sobre os projetos, esclarecimentos, discussão direta entre os Pontos, notícias;
- Série de Cartazes **Cultura Viva** – serão convidados artistas gráficos para desenvolver cartazes a partir de temas de interesse comum, orientando debates e ações integradas entre os diversos Pontos. Combinado à produção de cartazes por artistas gráficos consagrados, poderão ser abertos concursos de cartazes para talentos emergentes.

Pela especificidade, as ações exigem um detalhamento próprio, bem como a formação de conselhos editoriais. A médio prazo, o financiamento destas ações deverá ser garantido por contratos de patrocínio. Inicialmente, serão asseguradas pelo orçamento do programa.

Conselho Consultivo do Programa Cultura Viva

O **Cultura Viva** prevê a formação de um Conselho Consultivo, composto por intelectuais, acadêmicos e artistas, com o objetivo de sistematizar e organizar conceitualmente os parâmetros de compreensão da cultura brasileira contemporânea a partir da experiência dos **Pontos de Cultura**. Caberá ao Conse-

lho identificar problemas e propor soluções ao desenvolvimento do programa, além de consolidar um suporte técnico e teórico para o **Cultura Viva**.

Revista Cultura Viva

A Revista Cultura Viva terá o caráter de ser, ao mesmo tempo, um instrumento de divulgação das ações e da produção artística dos **Pontos de Cultura**, e um instrumento de debate, crítica e formulação do conjunto das ações desenvolvidas pelo **Programa Cultura Viva**, interagindo diretamente com o Conselho Consultivo, além de conter matérias de interesse geral sobre arte e cultura.

Expedições Cultura Viva

Sob a inspiração das Missões Folclóricas, organizadas sob a batuta de Mário de Andrade em meados dos anos trinta, o programa **Cultura Viva** realizará, ao longo de 2005 e 2006, cinco **Expedições Cultura Viva**, divididas em roteiros que permitam visitar todos os Pontos. A proposta visa um acompanhamento qualitativo dos Pontos, e o mapeamento da cultura brasileira.

Imagem:
Grupo de Teatro Mamulengo Presepada
Projeto Oficina de Teatro
Invenção Brasileira



Gestão Cultural Compartilhada e Transformadora

um conceito de política pública em construção

O **Cultura Viva** é um programa em construção, e sua própria definição metodológica e conceitual irá se desenvolver no processo de sua aplicação, a partir da observação dos fenômenos e da interação com a realidade. Desta forma, os conceitos podem ser modificados, ou apurados durante o processo. No entanto, é possível levantar alguns aspectos essenciais para a construção de um diálogo comum entre coordenação do programa, Pontos de Cultura, Conselho Consultivo e todos os outros setores da sociedade que desejem participar da discussão. São eles:

Potencialização e encantamento social

“O Ponto de Cultura já é!” (Preto Ghoz – rapper). Esta afirmação, feita por um dos colaboradores iniciais do programa **Cultura Viva**, referia-se ao processo desencadeado pelo primeiro edital de chamamento público para a escolha de projetos para **Pontos de Cultura**. Para ele, o que mais importava era o processo de discussão que a idéia havia desencadeado, aglutinando energias, antes dispersas, e não o fato de uma proposta vir a ser aprovada, pois a ação antecedia o **Ponto**. Preto Ghoz era um dos organizadores do MHHOB – Movimento do Hip Hop Organizado do Brasil e vivia na periferia pobre de São Paulo. Ele procurava fundir o rap com as

expressões mais profundas de nosso povo, reencontrando-se com o Bumba meu Boi do Maranhão, seu estado natal. Infelizmente, uma fatalidade fez com que ele nos deixasse mais cedo.

A principal contribuição do **Cultura Viva** talvez, seja exatamente essa: potencializar aquilo que “já é”. E fazê-lo numa perspectiva de repensar o Estado, ampliando suas definições e funções, escancarando as portas para partilhar poder e conhecimento com tradicionais e novos sujeitos sociais, dividindo espaços e novas possibilidades. *“Quando os todos-poderosos governam com a irrazão e sem limites, só os que possuem nenhum poder são capazes de imaginar uma humanidade que um dia terá poder e, com isto, mudará o próprio significado desta palavra”* (Terry Eagleton - A Ideologia da Estética). Com o Edital Público de Divulgação criamos um instrumento de aproximação e compartilhamento de responsabilidades entre Estado e sociedade, pelo qual, gestores públicos e movimentos sociais estabelecem canais de diálogo e de aprendizado mútuos, e estes, apresentam suas propostas a partir de suas realidades e necessidades.

Quem diz que o povo brasileiro é pouco organizado nunca viu uma escola de samba entrar na avenida. São centenas, milhares de pessoas (no Rio de Janeiro há Escolas de Samba com 5.000 integrantes) em um tumulto aparente. De repente, ao som de um apito, ao movimento de um único braço, elas se colocam em desfile, formando a maior ópera popular do mundo. Diversas alas,

alegorias, passistas, baianas, tudo em um movimento sincronizado, expressando a tradição e a memória do povo na rua. Por isso, potenciar e reencantar.

Compartilhar e transformar

Na busca por novos caminhos começamos a desenvolver a idéia de uma **gestão compartilhada e transformadora** para os **Pontos de Cultura**. A intenção é estabelecer novos parâmetros de gestão e democracia na relação entre Estado e sociedade. Esta, em lugar de ser chamada apenas para dizer **o que** quer, começa a dizer **como** quer. Esse processo tem início com o Edital para seleção dos Pontos, numa situação em que o Ministério da Cultura diz quanto pode oferecer e o movimento social diz como e em que utilizará os recursos.

A gestão do **Ponto de Cultura** começa a partir do convênio que é assinado entre o Ministério da Cultura e os proponentes, definindo responsabilidades e direitos, firmando um pacto entre Estado e sociedade. O modelo de gestão precisa ser flexível e moldável, respeitando a dinâmica própria do movimento social, que continuará existindo independente de ser ou não um **Ponto de Cultura**. Durante o processo, sem dúvida, haverá uma tensão: por um lado, o movimento social apropriando-se de mecanismos de gestão, de recursos públicos - por outro lado, o Estado, com seu aparato burocrático, normas e regras rígidas.

A partir desta interação poderemos estar construindo um novo tipo de Estado, ampliado, que compartilha poder com novos sujeitos sociais, ouve quem nunca foi ouvido, conversa com quem nunca conversou. E o Estado não se enfraquece (como acontece quando da transferência de atribuições para o mercado), pelo contrário, se fortalece, se engrandece ao permitir que a sociedade civil penetre em seu aparato.

Há o risco de que, neste processo, a sociedade vá se burocratizando, perdendo espontaneidade e até mesmo sendo cooptada. Diante desta perspectiva, o elemento político surge como o único capaz de evitar a cooptação das entidades que integram a sociedade civil, preservando relativamente sua autonomia. Nesse caso, entende-se por cooptação a contaminação do “mundo da vida” pelo “mundo dos sistemas” (Estado e mercado). Para se contra-



Imagem:
Associação dos Amigos da Arte
de Guaramiranga - AGUA
Projeto ECOS - Escola de
Comunicação da Serra

por a isso, poderemos encorajar uma ação, que desenvolva e fortaleça as estruturas que possam promover um melhor entendimento e uma melhor comunicação entre esses “mundos”. Quem sabe o **Ponto de Cultura** seja um elo de “Ação Comunicativa”, como na teoria de Jurgen Habermas?

AUTONOMIA

O **Ponto de Cultura** deve funcionar respeitando a dinâmica própria local, não importando se tem ou não um **Ponto de Cultura**, de ter ou não investimento do Estado. Alguns movimentos culturais de Pernambuco, por exemplo, apresentaram suas propostas vinculadas ao Maracatu, enfatizando o funcionamento de suas orquestras, que continuarão saindo pelas ruas ou fazendas, com o grande chapéu-de-sol vermelho, lembrando os reis da África, suas lantejoulas, tambores,



Imagem:
Associação Casa das Artes de Educação e Cultura
Projeto Oficina de Arte da Casa da Mangueira

chocalhos e gonguês. Outros movimentos propuseram a criação de oficinas de aprendizado e criação da indumentária do Maracatu. São estas ações que garantem a vitalidade de cada grupo e de sua cultura. Com o Programa **Cultura Viva**, eles adquirem instrumentos mais estáveis para articular suas atividades, dando continuidade aos seus próprios saberes e fazeres.

Apenas este aspecto isolado não significa a conquista de uma autonomia plena. Nos últimos vinte anos, políticas públicas pensadas nos marcos do ideário liberal, têm se apropriado do vocabulário usado pelos movimentos sociais de resistência e combate ao autoritarismo de governo e propõem a autonomia como uma simples transferência de responsabilidades. Autonomia não se dá. Adquire-se no processo, na relação entre os pares (os outros **Pontos de Cultura**), na interação com a autoridade (sociedade-Estado) e na aquisição do conhecimento, incorporado ao patrimônio cultural.

Ao concebermos autonomia como práticas, como processos de modificação das relações de poder e como exercícios de liberdade, poderemos traduzi-la como trabalho social, político e cultural.

Nesse sentido, não é alguma prática futura, nem espontânea, nem mesmo uma técnica social, política ou cultural, mas a própria realização, os atos concretos de participação e afirmação social.

PROTAGONISMO

O protagonismo dos movimentos sociais aparece à medida que suas organizações são entendidas como sujeitos de suas práticas, que intervêm nas políticas de desenvolvimento social, nos hábitos da sociedade e na elaboração de políticas públicas. Entretanto, a gestão pública de cultura pensada nos marcos do liberalismo (“*cultura é um bom negócio!*”) e do iluminismo (“*levar luzes à inculta massa*”) não retira dos movimentos sociais apenas a sua autonomia, mas rouba-lhes o que talvez lhes seja ainda mais caro: o protagonismo.

Quando as políticas não reconhecem a criação cultural da paneleira de Goiabeira do Espírito Santo ou do mestre dos brinquedos do Vale do Jequitinhonha, excluindo-os de pronto de seus objetivos ou, no máximo, tratando como folclore (“*Cultura em conserva*”, segundo Roger Bastide), e como expressões “*simples*” da cultura, o

protagonismo das comunidades é abafado. Esse não reconhecimento tem por matriz um conceito de cultura vinculado ao de civilização. Cultura é aí pensada como o meio pelo qual se mede o “desenvolvimento” e o “progresso”, a modernização da Nação. E “os simples” precisam ser escondidos, colocados “em seu devido lugar”: uma peça de museu, um artesanato ingênuo.

Destas concepções, nasce o “dirigismo” na gestão pública de cultura. Quando são criados parâmetros de reconhecimento e validade para algumas manifestações culturais e não para outras, o patrimônio cultural da sociedade fica incompleto, apartando a imensa maioria da população do pleno exercício do poder. Apresentar a elite como única detentora de um saber e do bom gosto é uma forma de assegurar a sobrevivência de regimes sociais e formas de dominação, de legitimação de classe. Aos “outros”, aos “simples”, é oferecida uma cultura pasteurizada, feita para atender necessidades e gostos medianos de um público que não deve questionar o que consome.

Por isso, o protagonismo se faz tão essencial no processo de construção dos **Pontos de Cultura**, registrando uma marca, erguendo uma bandeira a ser exposta na frente de cada Ponto, e lembrando a todos que “*Aqui se faz cultura*”.

Imagem:
Cooperativa
Educativa e
Assistencial Casa
do Zezinho
Projeto Ateliês de
Arte da Casa do
Zezinho



EMPODERAMENTO

“Revogai da intolerância a lei, devolvei o chão a quem do chão foi tirado”. (Gilberto Gil - Oração pela libertação da África do Sul). O **Ponto de Cultura** da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas pode ser uma referência importante de empoderamento social. A comunidade foi criada por volta do século XVIII e viveu no isolamento, cercada por morros no interior de Pernambuco, até meados do século XX. Ainda no século XVIII, as crioulas emancipadas da escravidão adquiriram as terras em que viviam, porém a luta pela posse da terra dura até os dias de hoje. Havendo conseguido, em 2000, o título de posse, os quilombolas ainda reivindicam melhores terras, que foram tomadas por fazendeiros ao longo da história do quilombo, restando a eles apenas as encostas dos morros, impróprias para o cultivo agrícola. No final de 2004, sua sede sofreu uma tentativa de incêndio e seus membros sofrem ameaças até hoje. Com seu projeto integrando o Programa **Cultura Viva**, cujo objetivo é a capacitação de jovens quilombolas para a radiodifusão e produção cultural, a entidade conta agora com mais um instrumento na sua luta política: a participação na rede de **Pontos de Cultura**, alterando a relação com o poder local e reforçando a sua cidadania.

Entendido como um processo, o empoderamento social nos **Pontos de Cultura** pode ser caracterizado como o instrumento pelo qual podem se transformar as relações econômicas e de poder. Como o programa visa potencializar ações culturais já desenvolvidas por setores historicamente aliados das políticas públicas, cria condições de desenvolvimento econômico alternativo e autônomo para a sustentabilidade da comunidade. Da mesma forma, à medida que os movimentos sociais são reconhecidos como sujeitos de manifestações culturais legítimas, os poderes locais passam a respeitá-los e a reconhecê-los.

UNINDO OS CONCEITOS

Autonomia, protagonismo e empoderamento não podem ser entendidos separadamente, de maneira estática ou como modelos. São conceitos em construção e seus significados só ganham relevância na proporção em que se relacionam e quando expressam as experiências dos próprios **Pontos de Cultura**, contribuindo para a construção de uma **gestão compartilhada e transformadora**.



Tradição, memória e ruptura

A integração das noções e conceitos para uma gestão compartilhada e transformadora, não como amarração, mas como o início de um processo novo, se expressa na relação dialética aqui subjacente e pressuposta entre tradição, memória e ruptura. *“Tradição enquanto ponto de partida, memória como reinterpretação do passado e ruptura enquanto invenção do futuro”.*

Estudiosos e especialistas, recorrentemente, dividem os movimentos sociais entre duas categorias distintas. Os movimentos sociais definidos como “institucionalizados” abarcam os sindicatos, as associações de moradores, as associações estudantis, etc., que se expressam em sistemas de poder hierarquizado em graus e escalões, atribuições de postos, definição rígida de papéis e fluxos de relacionamento pré-estabelecidos; segmentação setorial e competitividade interna. Este modelo de organização social sofreu sério desgaste a partir dos anos 90 e tem encontrado muita dificuldade em responder às demandas dos próprios setores que pretendem representar.

Em uma outra categoria, são identificados os chamados “novos” movimentos sociais, cuja referência pode ser encontrada no movimento hip hop, nas rádios comunitárias, nas cooperativas; e nos de caráter *identitário*, como os movimentos de mulheres, de homossexuais, etc. Apesar de estarem enquadrados em uma mesma categoria, esses

movimentos têm origem social muito diferenciada, uns nasceram na periferia das grandes cidades em busca de conexões de solidariedade para um “mundo” excluído; outros nasceram na classe média em busca de conexões de identidade setorial. Ainda que possam ser vistos como momentos diferentes que congregam sujeitos sociais bem diferentes, podem ser referências importantes para a construção de novas relações entre Estado e sociedade.

Uma outra parcela das organizações sociais que, inclusive, tem respondido de forma original e imediata aos apelos do **Cultura Viva**, é vinculada às comunidades tradicionais e à iniciativas não propriamente de caráter reivindicatório definidas, como aquelas organizações das comunidades quilombolas, indígenas, de ritmos e danças tradicionais e populares como a capoeira, etc. Se por um lado, o “estar à margem” imunizou suas organizações dos dilemas dos movimentos sociais tradicionais, preservando sua fluidez e agilidade, por outro, guetizou-os e apartou-os de um movimento de mudanças mais largo.

Sem o diálogo com o entorno, muitos desses movimentos não se renovaram e permaneceram escondidos e ensimesmados. Convenientemente classificados na categoria *folclore* ou, ainda, como *movimentos populares*, permanecem inacessíveis e incompreensíveis a outros setores sociais, que muito têm a aprender com a leveza e a descomplicação de suas formas organizativas e com a dialética tradição-invenção que caracteriza suas ações. É, portanto, nesse sentido que o **Cultura Viva** busca articular tradição, memória e ruptura.



DESENVOLVIMENTO APROXIMAL

Na cultura, são velhas conhecidas as tentativas de dirigismo de Estado bem como as imposições do mercado. Por isso a busca de outros caminhos. A princípio, **Cultura Viva** pode soar redundante, afinal, toda cultura deveria ser viva. Mas nem sempre é assim. A cultura também se fossiliza, burocratizando o processo criativo e reafirmando preconceitos e segregações. Por exemplo: até o século XIX, a escravidão era um dado da cultura nacional, e agora, no século XXI, a presença de crianças abandonadas nas ruas é considerada natural. “Dar de ombros” a esta e a outras iniquidades é uma característica cultural de boa parte da elite brasileira, que só consegue se indignar com a pobreza quando esta se transforma em violência urbana. Por isso, faz-se tão necessário buscar uma cultura viva, pujante, que incorpore a idéia de mudança. Mudança que só será real se envolver uma efetiva transformação de conceitos e métodos. Principalmente, se for resultado de uma efetiva consciência da sociedade. E consciência não se impõe.

Aqui estamos tentando mais uma experimentação com o **Cultura Viva**. O educador russo, Vygotsky, no livro *A Formação Social da Mente*, propunha o **desenvolvimento aproximado** como uma nova abordagem para o processo de construção do conhecimento. Seu estudo original refere-se ao aprendizado infantil, mas pode ser transposto para a sociedade. A idéia é a de que o desenvolvimento seja desencadeado pela aproximação, pelo contato com a realidade a partir de experiências vivenciadas e comparadas. Em nosso caso, nem dirigismo de Estado, nem imposições de mercado, mas aproximação entre equivalentes; entre o povo, que produz, cria e transforma a cultura. O papel da coordenação neste caso, será o de facilitador desta aproximação e o dos **Pontos de Cultura**, o de mediador.

Gestão em rede

O **Cultura Viva** é uma rede horizontal de articulação, recepção e disseminação de iniciativas culturais inovadoras e o **Ponto de Cultura** é a ponta desta rede, um organizador da cultura em nível local, um centro de referência para novas conexões em rede. Enquanto o **Cultura Viva** pode ser identificado como uma macro-rede, o **Ponto de Cultura** pode ser definido como uma micro-rede. A capacidade para buscar micro-soluções a partir da construção de redes locais e a disposição para se conectar

em rede, foi um dos critérios para a escolha dos **Pontos de Cultura** e pode dar materialidade à expressão “*pense globalmente, aja localmente*”.

Concebido de modo orgânico e dinâmico, o **Ponto de Cultura** pode acontecer em qualquer espaço, desde um pequeno espaço comunitário até um grande centro cultural, com cinema e sala de espetáculos. Entre os primeiros Pontos, há um que funcionará em uma Oca, outro em um coreto de uma Praça Pública, e até sob a sombra de uma árvore. Mas também entraram na rede, propostas instaladas em imóveis tombados pelo patrimônio histórico, que já dispõem de sala de cinema, sala de espetáculos, telecentro... O importante é a disposição de incorporar aqueles que raramente são lembrados. Por isso, as maiores favelas do Rio de Janeiro já contam com pelo menos um **Ponto de Cultura** em cada uma delas: na Mangueira uma Orquestra de Violinos, no Vidigal, teatro e cinema, em Padre Miguel, velhos sambistas se unem a crianças e jovens, na Rocinha, uma brinquedoteca. Também foram escolhidos Pontos na zona sul e no extremo leste de São Paulo, áreas mais pobres da mais rica cidade do País, ou então, em assentamentos rurais de brasileiros sem terra. E para a região Amazônica, em breve, estará funcionando um **Pontão** em um barco, e seu objetivo será auxiliar na abertura de novos Pontos junto às comunidades ribeirinhas.

Formada a rede, a comunicação entre os Pontos crescerá, pois todos eles recebem um equipamento de cultura digital e conexão por internet banda larga, além do Portal **Cultura Viva**. Com isso a aproximação fica mais ágil e os **Pontos** podem conversar entre si, trocar experiências, definir identidades. Um garoto do movimento Hip Hop na zona sul de São Paulo pode começar a perceber que não é só o rap que produz música com ritmo e poesia. Tem a palavra cantada dos repentistas do sertão nordestino, o coco de umbigada... Em suma, “*as redes são veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao mundo opõe o território e o lugar; e de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo*” (Milton Santos, *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*). E um novo tipo de troca se estabelece, tanto em redes locais a partir do Ponto, como globais por afinidade temática, territorial (rede estudantil, da terra, de percussão, de dança, literária). Por estados e regiões, como a bacia hidrográfica do São Francisco, o Recôncavo Baiano e todas as outras múltiplas possibilidades a serem inventadas quando as pessoas se unem.



Se os “dirigismos” de Estado e as imposições do mercado são nossos velhos conhecidos, a formação de uma equipe de “gestores” do programa vem se somar às possibilidades de reverter essas práticas. O referencial de trabalho dos gestores deve ser a demanda dos próprios **Pontos de Cultura**, invertendo o papel tradicional dos gestores como tutores de sujeitos coletivos, vistos como incapazes de realizar autonomamente suas ações.

O programa **Cultura Viva** procura apresentar uma abordagem de gestão que leve em conta os “pequenos” e localizados contextos sociais, ajudando a repensar os programas de políticas públicas que tendem a definir contextos preestabelecidos, fixos e de tendências anacrônicas. Um resultado correlato do programa é a experimentação de um processo que visa transformar o papel do Estado e de suas políticas públicas, quando este, paulatinamente, deixa de ser um controlador dos processos sociais para tornar-se um facilitador das demandas da sociedade civil.

GLOBAL/LOCAL

Da troca surge o novo. As culturas se desenvolvem desta forma. O problema é que os modelos mais comuns são os que estabelecem a troca de um modo desigual, por imposição. A cultura européia foi transposta para o continente que conhecemos por América pela força de uma ocupação que destruiu culturas e matou milhões de indígenas. Estados nacionais definiram objetivos que nem sempre foram ao encontro dos seus povos. E o mercado continua impondo, com mais força que os Estados, a uniformização e a pasteurização de gostos e estilos artísticos, com o único objetivo de maximizar lucros a partir da venda de produtos culturais em escala. É a globalização. O que se pretende, ao facilitar a aproximação entre os **Pontos de Cultura** é experimentar um modelo novo, em que a troca cultural se estabeleça com equilíbrio entre as partes.

A rede **Cultura Viva** possibilita (esse é o nosso desejo) o ensaio de um novo tipo de trocas simbólicas, onde a conexão local se articula com a global. Quem sabe com isso não estamos criando uma nova palavra, “*glocal*”, que poderia expressar um conceito diferente de globalização, estabelecido a partir das necessidades e particularidades locais e não por imposição de um centro único. Uma globalização mais tolerante, onde o local definiria como e em que condições a conexão deve se dar.

A dimensão do desenvolvimento na Cultura

Num momento em que o combate à pobreza está ocupando o centro do debate político e econômico nacional, depois de décadas em que o problema permaneceu longe dos holofotes, o Governo Federal, em seus programas sociais, vem chamando a atenção para a cultura como importante fator de desenvolvimento social e econômico, como desenvolvimento humano. Esta preocupação se revela quando o Ministro Gilberto Gil chama a atenção para a “economia criativa” como sendo a que, conjugada à cultura, abre portas para novas perspectivas de desenvolvimento econômico, que leva em conta tanto o “capital humano”, gerando emprego e renda, quanto as relações comerciais e de mercado, estabelecendo equilíbrio no conjunto.

É preciso rever o pensamento econômico convencional e avançar na idéia da construção do “capital social”, reexaminando as relações entre cultura e desenvolvimento. O **Programa Cultura Viva** pretende discutir e encontrar alternativas de desenvolvimento humano sustentável junto às comunidades e movimentos sociais que visa atingir. O programa potencializa a criação e a produção local, gerando produtos culturais que vão do artesanato à produção de moda, da montagem de uma peça de teatro à produção de um audiovisual. Todos os Pontos terão condições de produzir o seu CD ou DVD, produtos que geram valor social e criam possibilidades de desenvolvimento econômico local. Caberá à rede colocar esses produtos em circulação, em um primeiro momento criando espaços de trocas desses bens e produtos culturais entre os **Pontos de Cultura**.

Mas é possível ir além. Cada Ponto estará capacitado para fazer a sua página na internet e divulgar a distribuição e venda de seus produtos culturais, materiais e imateriais; com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos fazendo a entrega direta, sem intermediações. Partindo deste processo, que envolve uma intensa circulação de bens culturais, podemos estar formando um mercado comercial de novo tipo, nascido do encantamento social. Da ampliação da solidariedade e da cooperação entre os brasileiros.

Algo de novo é possível

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva foi concebido com a idéia de que algo de novo é possível e que, a partir das experiências dos movimentos sociais, a novidade está em inventar, na prática, outras relações, outro jeito de olhar o mundo. Para alguns, isso pode parecer utópico, mas muitos outros ainda buscam a utopia e o fazem com a generosidade.

Nem é necessário que todos escolham um caminho único, porque os caminhos também são muitos, como nossas águas, conforme observou Pero Vaz de Caminha. E foi mergulhando nas águas de nosso Brasil que procuramos encontrar um jeito mais equilibrado e generoso de estabelecer a troca entre seres humanos, de se fazer uma Cultura Viva. Descobrimos esse jeito logo na certidão de nascimento do que viria a ser esse imenso país. Sabemos que depois deste primeiro e luminoso momento muita coisa desandou (e como desandou), mas fica o registro do escrivão de El Rei de Portugal:

“Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então além do rio, Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem, fez-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras, e salto real, de que eles se espantavam e riam e folgavam muito” (Carta do Descobrimento, abril de 1500).

E assim se deu a primeira troca simbólica no Brasil...



Experimentação, memória e invenção*

(Discurso do Ministro Gilberto Gil na solenidade de transmissão do cargo, em Brasília, a 2 de janeiro de 2003.)

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva foi a mais eloqüente manifestação da Nação brasileira pela necessidade e pela urgência da mudança. Não por uma mudança superficial ou meramente tática no xadrez de nossas possibilidades nacionais. Mas por uma mudança estratégica e essencial, que mergulhe fundo no corpo e no espírito do País. O Ministro da Cultura entende assim o recado enviado pelos brasileiros, através da consagração popular do nome de um trabalhador, do nome de um brasileiro profundo, simples e direto, de um brasileiro identificado por cada um de nós como um seu igual, como um companheiro.

É também nesse horizonte que entendo o desejo do Presidente Lula, de que eu assumo o Ministério da Cultura. Escolha prática, mas também simbólica, de um homem do povo como ele. De um homem que se engajou num sonho *geracional* de transformação do País, de um negro mestiço empenhado nas movimentações de sua gente, de um artista que nasceu dos solos mais generosos de nossa cultura popular e que, como o seu povo, jamais abriu mão da aventura, do fascínio e do desafio do novo.

Por isso mesmo, assumo, como uma das minhas tarefas centrais, aqui, tirar o Ministério da Cultura da distância em que se encontra, hoje, do dia-a-dia dos brasileiros. Porque quero o Ministério presente em todos os cantos e recantos de nosso País. Porque quero que esta aqui seja a casa de todos os que pensam e fazem o Brasil. Que seja, realmente, a casa da cultura brasileira.

* Título elaborado pela equipe da SPPC.

E o que entendo por cultura vai muito além do âmbito restrito e restritivo das concepções acadêmicas, ou dos ritos e da liturgia de uma suposta “classe artística e intelectual”. Cultura, como alguém já disse, não é apenas “uma espécie de ignorância que distingue os estudiosos”. Nem somente o que se produz no âmbito das formas canonizadas pelos códigos ocidentais, com as suas hierarquias suspeitas. Do mesmo modo, ninguém aqui vai me ouvir pronunciar a palavra “folclore”. Os vínculos entre o conceito erudito de “folclore” e a discriminação cultural são mais do que estreitos. São íntimos. “Folclore” é tudo aquilo que – não se enquadrando, por sua antiguidade, no panorama da cultura de massa – é produzido por gente inculta, por “primitivos contemporâneos”, como uma espécie de enclave simbólico, historicamente atrasado, no mundo atual. Os ensinamentos de Lina Bo Bardi me preveniram definitivamente contra essa armadilha. Não existe “folclore” – o que existe é cultura. Cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. Cultura, como usina de

símbolos de um povo. Cultura, como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a Nação. Cultura, como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos.

Desta perspectiva, as ações do Ministério da Cultura deverão ser entendidas como exercícios de antropologia aplicada. O Ministério deve ser como uma luz que revela, no passado e no presente, as coisas e os signos que fizeram e fazem, do Brasil, o Brasil. Assim, o selo da cultura, o foco da cultura, será colocado em todos os aspectos que a revelem e expressem, para que possamos tecer o fio que os unem.

Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, criar condições de acesso universal aos bens simbólicos. Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, proporcionar condições necessárias para a criação e a produção de bens culturais, sejam eles artefatos ou *mentefatos*. Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, promover o desenvolvimento cultural geral da sociedade. Porque o acesso à cultura é um direito básico de cidadania, assim como o direito à educação, à saúde, à vida num meio ambiente saudável. Porque, ao investir nas condições de criação e produção, estaremos tomando uma iniciativa de conseqüências imprevisíveis, mas, certamente, brilhantes e profundas – já que a criatividade popular brasileira, dos primeiros tempos coloniais aos dias de hoje, foi sempre muito além do que permitiam as condições educacionais, sociais e econômicas de nossa existência. Na verdade, o Estado nunca esteve à altura do fazer de nosso povo, nos mais variados ramos da grande árvore da criação simbólica brasileira.

É preciso ter humildade, portanto.

Mas, ao mesmo tempo, o Estado não deve deixar de agir. Não deve optar pela omissão. Não deve atirar fora de seus ombros a responsabilidade pela formulação e execução de políticas públicas, apostando todas as suas fichas em mecanismos fiscais e assim entregando a política cultural aos ventos, aos sabores e aos caprichos do deus mercado. É claro que as leis e os mecanismos de incentivos fiscais são da maior importância. Mas o mercado não é tudo. Não será nunca. Sabemos muito bem que em matéria de cultura, assim como em saúde e educação, é preciso examinar e corrigir distorções inerentes à lógica do mercado – sempre regida, em última análise, pela lei do mais forte. Sabemos que é preciso, em muitos casos, ir além do imediatismo, da visão de



Imagem:
Cooperativa Educacional e
Assistencial Casa do Zezinho
Projeto Ateliês de Arte da
Casa do Zezinho

curto alcance, da estreiteza, das insuficiências e mesmo da ignorância dos agentes mercadológicos. Sabemos que é preciso suprir as nossas grandes e fundamentais carências.

O Ministério não pode, portanto, ser apenas uma caixa de repasse de verbas para uma clientela preferencial. Tenho, então, de fazer a ressalva: não cabe ao Estado fazer cultura, a não ser num sentido muito específico e inevitável. No sentido de que formular políticas públicas para a cultura é, também, produzir cultura. No sentido de que toda política cultural faz parte da cultura política de uma sociedade e de um povo, num determinado momento de sua existência. No sentido de que toda política cultural não pode deixar, nunca, de expressar aspectos essenciais da cultura desse mesmo povo. Mas, também, no sentido de que é preciso intervir. Não segundo a cartilha do velho modelo estatizante, mas para clarear caminhos, abrir clareiras, estimular, abrigar. Para fazer uma espécie de *do-in antropológico*, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do País. Enfim, para avivar o velho e atizar o novo. Porque a cultura brasileira não pode ser pensada fora desse jogo, dessa dialética permanente entre a tradição e a invenção, numa encruzilhada de matrizes milenares e informações e tecnologias de ponta.

Logo, não se trata somente de expressar, refletir, espelhar. As políticas públicas para a cultura devem ser encaradas, também, como intervenções, como estradas reais e vicinais, como caminhos necessários, como atalhos urgentes. Em suma, como intervenções criativas no campo do real histórico e social. Daí que a política cultural deste Ministério, a política cultural do Governo Lula, a partir deste momento, deste instante, passa a ser vista como parte do projeto geral de construção de uma nova hegemonia em nosso País. Como parte do projeto geral de construção de uma Nação realmente democrática, plural e tolerante. Como parte e essência de um projeto consistente e criativo de *radicalidade* social. Como parte e essência da construção de um Brasil de todos.

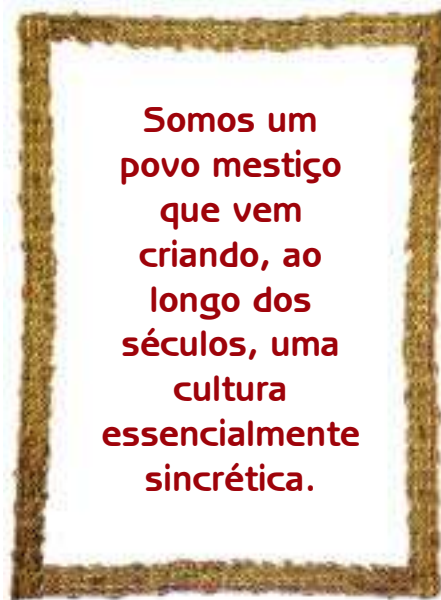
Penso, aliás, que o presidente Lula está certo quando diz que a onda atual de violência, que ameaça destruir valores essenciais da formação de nosso povo, não deve ser creditada, automaticamente, na conta da pobreza. Sempre tivemos pobreza no Brasil, mas nunca a violência foi tanta como hoje. E essa violência vem das desigualdades sociais. Mesmo porque sabemos que o que aumentou no Brasil, nessas últimas décadas, não foi exatamente a pobreza ou a miséria. A pobreza até que diminuiu um pouco, como as estatísticas

mostram. Mas, ao mesmo tempo, o Brasil tornou-se um dos Países mais desiguais do mundo. Um País que possui, talvez, a pior distribuição de renda de todo o Planeta. E é esse escândalo social que explica, basicamente, o caráter que a violência urbana assumiu recentemente entre nós, subvertendo, inclusive, os antigos valores da *bandidagem* brasileira.

Ou o Brasil acaba com a violência, ou a violência acaba com o Brasil. O Brasil não pode continuar sendo sinônimo de uma aventura generosa, mas sempre interrompida. Ou de uma aventura só nominalmente solidária. Não pode conti-

nuar sendo, como dizia Oswald de Andrade, um País de escravos que teimam em ser homens livres. Temos de completar a construção da Nação, incorporar os segmentos excluídos, reduzir as desigualdades que nos atormentam. Ou não teremos como recuperar a nossa dignidade interna, nem como nos afirmar plenamente no mundo. Como sustentar a mensagem que temos a dar ao Planeta, enquanto Nação que se prometeu o ideal mais alto que uma coletividade pode propor a si mesma: o ideal da convivência e da tolerância, da coexistência de seres e linguagens múltiplos e diversos, do convívio com a diferença e, mesmo, com o contraditório. E o papel da cultura, nesse processo, não é apenas tático ou estratégico - é central: o de contribuir objetivamente para a superação dos desníveis sociais, mas apostando sempre na realização plena do humano.

A multiplicidade cultural brasileira é um fato. Paradoxalmente, a nossa unidade de cultura - unidade básica, abrangente e profunda - também.



**Somos um
povo mestiço
que vem
criando, ao
longo dos
séculos, uma
cultura
essencialmente
sincrética.**



Em verdade, podemos mesmo dizer que a diversidade interna é, hoje, um dos nossos traços *identitários* mais nítidos. É o que faz com que um habitante da favela carioca, vinculado ao samba e à macumba, e um caboclo amazônico, cultivando carimbós e encantados, sintam-se - e, de fato, sejam - igualmente brasileiros. Como bem disse Agostinho da Silva, "o Brasil não é o País do isto ou aquilo, mas o País do isto e aquilo". Somos um povo mestiço que vem criando, ao longo dos séculos, uma cultura essencialmente sincrética. Uma cultura diversificada, plural, mas que é como um verbo conjugado por pessoas diversas, em tempos e modos distintos. Porque, ao mesmo tempo, essa cultura é una: cultura tropical sincrética tecida ao abrigo e à luz da língua portuguesa.

E não por acaso eu me referi, antes, ao plano internacional. Tenho para mim que a política cultural deve permear todo o Governo, como uma espécie de argamassa de nosso novo projeto nacional. Desse modo, teremos de atuar transversalmente, em sintonia e em sincronia com os demais Ministérios. Algumas dessas parcerias se desenham de forma quase automática, imediata, em casos como os dos Ministérios da Educação, do Turismo, do Meio Ambiente, do Trabalho, dos Esportes, da Integração Nacional. Mas nem todos se lembram logo de uma parceria lógica e natural, no contexto em que estamos vivendo e em função do projeto que temos em mãos: a parceria com o Ministério das Relações Exteriores.

Se há duas coisas que hoje atraem irresistivelmente a atenção, a inteligência e a sensibilidade internacionais para o Brasil, uma é a Amazônia, com a sua biodiversidade - e a outra é a cultura brasileira, com a sua *semiodiversidade*. O Brasil aparece aqui, com as suas diásporas e as suas misturas, como um emissor de mensagens novas, no contexto da globalização. Juntamente com o Ministério das Relações Exteriores, temos de pensar, modelar e inserir a imagem do Brasil no mundo. Temos de nos posicionar estrategicamente no campo magnético do Governo Lula, com a sua ênfase na afirmação soberana do Brasil no cenário internacional. E, sobretudo, temos de saber que recado o Brasil - enquanto exemplo de convivência de opostos e de paciência com o diferente - deve dar ao mundo, num momento em


que discursos ferozes e estandartes bélicos se ouriçam planetariamente. Sabemos que as guerras são movidas, quase sempre, por interesses econômicos. Mas não só. Elas se desenham, também, nas esferas da intolerância e do fanatismo. E, aqui, o Brasil tem lições a dar - apesar do que querem dizer certos representantes de instituições internacionais e seus porta-vozes internos, que, a fim de tentar expiar suas culpas raciais, esforçam-se para nos enquadrar numa moldura de hipocrisia e discórdia, compondo de nossa gente um retrato interessado e interesseiro, capaz de convencer apenas a eles mesmos. Sim: o Brasil tem lições a dar, no campo da paz e em outros, com as suas disposições permanentemente sincréticas e *transculturativas*. E não vamos abrir mão disso.

Em resumo, é com esta compreensão de nossas necessidades internas e da procura de uma nova inserção do Brasil no mundo que o Ministério da Cultura vai atuar, dentro dos princípios, dos roteiros e das balizas do projeto de mudança de que o Presidente Lula é, hoje, a encarnação mais verdadeira e mais profunda. Aqui será o espaço da experimentação de rumos novos. O espaço da abertura para a criatividade popular e para as novas linguagens. O espaço da disponibilidade para a aventura e a ousadia. O espaço da memória e da invenção.

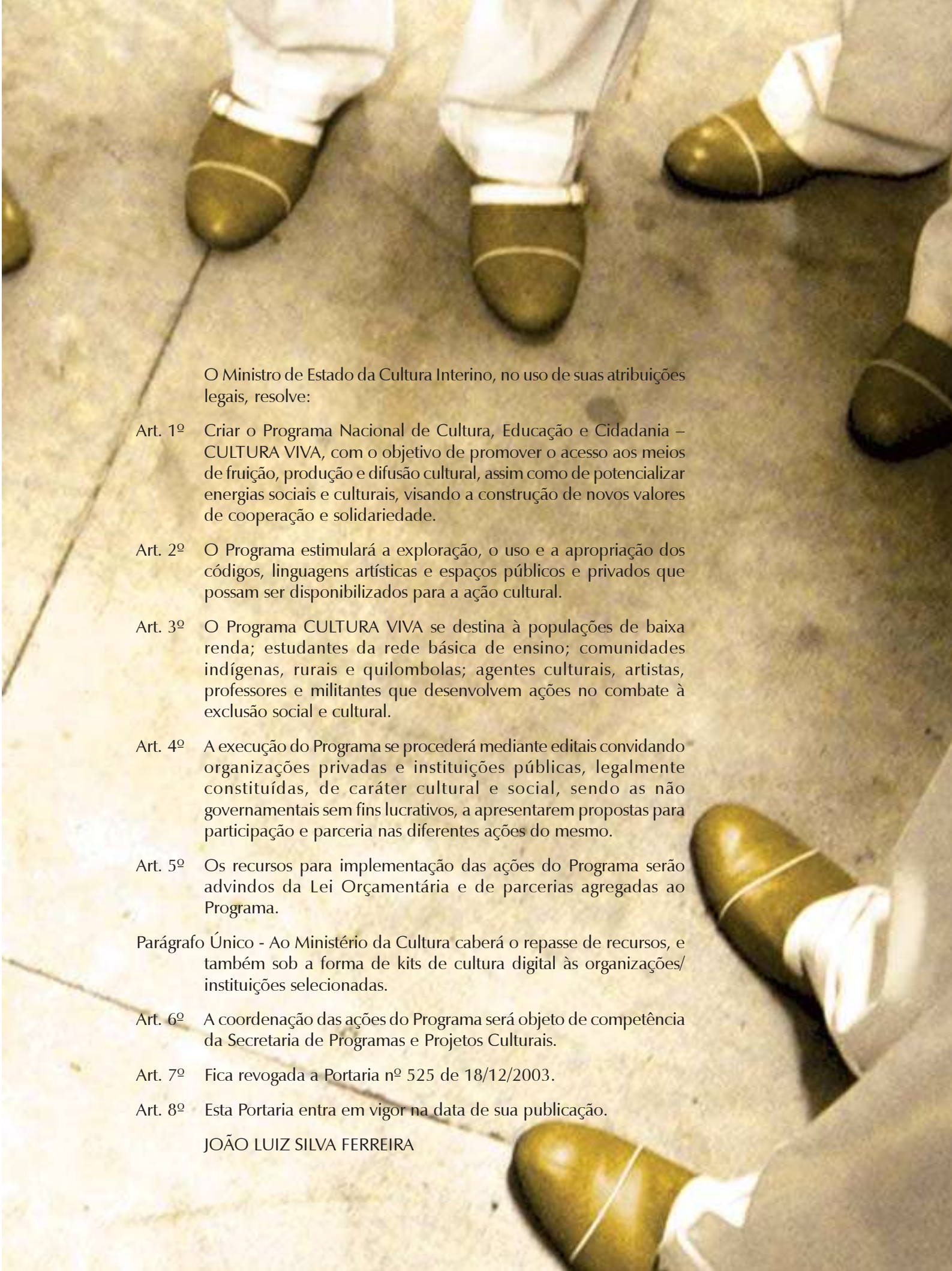
Muito obrigado.







**PORTARIA
N.º 156 DE
06 DE JULHO
DE 2004 que
constitui o
Programa
Cultura Viva**



O Ministro de Estado da Cultura Interino, no uso de suas atribuições legais, resolve:

- Art. 1º Criar o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – CULTURA VIVA, com o objetivo de promover o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural, assim como de potencializar energias sociais e culturais, visando a construção de novos valores de cooperação e solidariedade.
- Art. 2º O Programa estimulará a exploração, o uso e a apropriação dos códigos, linguagens artísticas e espaços públicos e privados que possam ser disponibilizados para a ação cultural.
- Art. 3º O Programa CULTURA VIVA se destina à populações de baixa renda; estudantes da rede básica de ensino; comunidades indígenas, rurais e quilombolas; agentes culturais, artistas, professores e militantes que desenvolvem ações no combate à exclusão social e cultural.
- Art. 4º A execução do Programa se procederá mediante editais convidando organizações privadas e instituições públicas, legalmente constituídas, de caráter cultural e social, sendo as não governamentais sem fins lucrativos, a apresentarem propostas para participação e parceria nas diferentes ações do mesmo.
- Art. 5º Os recursos para implementação das ações do Programa serão advindos da Lei Orçamentária e de parcerias agregadas ao Programa.
- Parágrafo Único - Ao Ministério da Cultura caberá o repasse de recursos, e também sob a forma de kits de cultura digital às organizações/instituições selecionadas.
- Art. 6º A coordenação das ações do Programa será objeto de competência da Secretaria de Programas e Projetos Culturais.
- Art. 7º Fica revogada a Portaria nº 525 de 18/12/2003.
- Art. 8º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOÃO LUIZ SILVA FERREIRA

EDITAL DE DIVULGAÇÃO Nº 1, DE 16 DE JULHO DE 2004

A União Federal, por intermédio do Ministério da Cultura, através da Secretaria de Programa e Projetos Culturais, torna público, para conhecimento dos interessados, que está convidando todas as organizações/instituições que desenvolvam ações de caráter cultural e social, sem fins lucrativos, legalmente constituídas a apresentarem propostas para participação e parceria no Programa Nacional “Cultura, Educação e Cidadania – CULTURA VIVA”, visando a implantação de Pontos de Cultura, nos termos, da Lei nº 8.666/93, no que couber, Lei 8.313/91, IN/STN 01/97, e nas condições e exigências estabelecidas neste Edital.

1. DA AUTORIZAÇÃO

1.1. O Programa foi criado pela Portaria MinC nº 156, de 06 de julho de 2004, do Ministério da Cultura, publicada no Diário Oficial da União de 07 de julho de 2004.

2. DO OBJETO

2.1. Constitui objeto do presente Edital o apoio à ampliação e garantia do acesso aos meios de fruição, produção e formação cultural, através do repasse de recurso em dinheiro e equipamentos.

2.1.1. A temática utilizada para o desenvolvimento do Programa objeto deste edital deverá ter como referência o estímulo à exploração de diferentes meios e linguagens artísticas e lúdicas, bem como à

inclusão digital, percebendo a cultura em suas dimensões de construção simbólica, de cidadania e direitos e de geração e distribuição de renda.

2.1.2. Para um melhor conhecimento do programa do Ministério da Cultura, sugere-se a leitura do documento CULTURA VIVA, disponibilizado no Portal do Ministério da Cultura.

3. DO PRAZO, FORMA E CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO

3.1. O encaminhamento das propostas deverá ser efetuado mediante requerimento dirigido à SPPC, conforme modelo constante do anexo I a este Edital, acompanhado das seguintes documentações: cópia do termo de posse do representante legal, acompanhada da respectiva cópia da Ata que o elegeu, devidamente registradas em cartório, bem como do comprovante do endereço da instituição, CPF, cédula de identidade do representante; cópia do estatuto/regimento interno e CNPJ da instituição/organização proponente e suas alterações, se houver, devidamente averbadas.

3.2. A solicitação de inclusão no Programa somente poderá se feita através dos serviços de postagem de correspondência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT, para a Caixa Postal nº 8775 – SHS – Qd. 02 – bloco B – CEP: 70.312-970 – Brasília/DF -Programa Cultura Viva, no período de 20 de julho a 16 de agosto de 2004, fazendo constar

no endereçamento: Participação no Programa Nacional CULTURA VIVA/Ponto de Cultura–2004.

3.3. Para participar deste edital, as organizações de natureza privada e as instituições públicas, devem comprovar ação relacionada à área cultural e social.

3.3.1. No caso das instituições de natureza pública, será respeitada a legislação no que diz respeito ao firmamento de convênio no período eleitoral.

3.4. Instituições e organizações de abrangência nacional, estadual ou regional poderão apresentar propostas e assumir a gestão de mais de um Ponto de Cultura.

3.5. A proposta postada após o período estabelecido no subitem 3.2 deste Edital será automaticamente invalidada.

3.6. A proposta encaminhada implica na prévia e integral concordância com as normas deste Edital.

4. DO PROJETO TÉCNICO

4.1. O projeto apresentado deverá conter os elementos abaixo relacionados:

- a) Plano de trabalho, com descrição detalhada, objetiva, clara e precisa do projeto que integrará o convênio;
- b) Justificativa do projeto, enfocando significativas contribuições para a implantação do programa;
- c) Plano e cronograma de aplicação dos recursos a serem desembolsados pelo concedente e contrapartida do proponente;
- d) Declaração do proponente de que dispõe de espaço físico para implementação do projeto;
- e) Portfólio com apresentação de atividades e ações anteriores. O meio de apresentação pode ser por vídeo, fotografias, material jornalístico ou publicações que comprovem a experiência do proponente no desenvolvimento das ações propostas;
- f) Cronograma de metas a serem alcançadas dentro do prazo previsto neste Edital.

4.2. A falta de apresentação de qualquer dos itens elencados no subitem 4.1, ou em desacordo com o estabelecido, implicará no imediato indeferimento do requerimento, independentemente de notificação.

5. DA SELEÇÃO E DO JULGAMENTO

5.1. A seleção das propostas será realizada por uma Comissão de Avaliação constituída por pareceristas ad hoc e por técnicos e dirigentes do MinC, designada pelo Secretário da SPPC, a quem caberá a presidência e voto de qualidade.

5.2. Na avaliação dos projetos, a Comissão levará em conta propostas que atendam, ao menos, um dos seguintes públicos ou ações:

- a) estudantes da rede Pública de Ensino;
- b) adolescentes e jovens adultos em situação de vulnerabilidade social;
- c) populações de baixa renda, habitando áreas com precária oferta de serviços públicos e de cultura, tanto nos grandes centros urbanos, como nos pequenos municípios;
- d) integração entre universidade e comunidade;
- e) habitantes de regiões e municípios com grande relevância para a preservação do patrimônio; histórico cultural e ambiental;
- f) habitantes de comunidades indígenas, quilombolas e rurais;
- g) portadores de necessidades especiais.

5.2.1–Também serão adotados critérios que identifiquem projetos que apresentem propostas inovadoras em relação aos seguintes aspectos:

- a) processos criativos continuados;
- b) interface com a cultura digital em software livre;
- c) ações de formação cultural, documentação e registro nas comunidades em que atuam;
- d) geração de renda através da cultura;
- e) capacidade em agregar outros atores sociais e parceiros públicos ou privados, garantindo a sustentabilidade futura da proposta;
- f) comprovação do espaço físico onde funcionará como sede e referência para o Ponto de Cultura.

5.3. Os projetos serão avaliados individualmente por membros da Comissão, enquadrando os seus termos nos quesitos dispostos no subitens 5.2 e 5.2.1.

5.3.1. Serão selecionados até 100 (cem) projetos dos que obtiverem, em ordem decrescente, a

maior pontuação. Esse quantitativo poderá ser ampliado caso haja disponibilidade de recursos.

5.3.2. Caberá à Comissão Julgadora promover uma equilibrada distribuição dos projetos contemplados pelas diversas regiões do território nacional.

5.3.3. Será invalidada a proposta da instituição que tiver pendência, inadimplência ou falta de prestação de contas junto a qualquer órgão público, ou deixar de cumprir total ou parcialmente o disposto no item 3.1.

5.4. A Secretaria de Programas e Projetos Culturais relacionará os projetos indicados para recebimento do apoio e procederá a sua publicação no diário Oficial da União, com o nome da entidade selecionada, da cidade e unidade federada, do respectivo projeto e do valor do apoio.

6. DO APOIO FINANCEIRO E EM EQUIPAMENTOS

6.1. O repasse dos recursos às instituições/organizações que tiverem seus projetos selecionados será efetuado em cinco parcelas semestrais que perfazem o valor total de R\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais), após assinatura do convênio para a realização do projeto.

6.2. O cronograma de distribuição dos recursos dar-se-á da seguinte maneira:

Após a assinatura do convênio	R\$ 25.000,00
Primeiro Semestre de 2005	R\$ 30.000,00
Segundo Semestre de 2005	R\$ 30.000,00
Primeiro Semestre de 2006	R\$ 30.000,00
Segundo Semestre de 2006	R\$ 35.000,00

6.3. O apoio destinar-se-á exclusivamente à realização do projeto, conforme objeto deste Edital.

6.4. No plano de aplicação de recursos, de que trata a alínea c do subitem 4.1, a aplicação dos recursos será de acordo com as necessidades do proponente, devendo destinar-se, no mínimo, 75% para oficinas de criação e formação cultural ou investimentos em obras e equipamentos necessários à melhoria da intervenção cultural local. Os outros 25% poderão ser destinados a custeio e manutenção.

6.5. O valor correspondente à contrapartida mínima, definida pela Lei 8.313/91, que trata de projetos atendidos pelo Fundo Nacional de Cultura, mencionada na alínea c do subitem 4.1 deste Edital,

será de 20% (vinte por cento) do valor monetário repassado pelo Ministério.

6.5.1. A contrapartida dada como participação financeira, poderá ser em bens ou serviços, desde que possam ser medidos/avaliados economicamente, excetuando-se as instituições públicas.

6.6. Além de proceder ao repasse financeiro, o Ministério da Cultura doará equipamentos de cultura digital, quais sejam: computador com programa em software livre, microfones e amplificador para gravação musical e câmara de filmagem digital.

6.6.1. Os equipamentos doados serão adquiridos diretamente pelo Ministério da Cultura e as suas especificações detalhadas apresentadas posteriormente.

6.6.2. A utilização do equipamento será exclusiva para as atividades previamente previstas na proposta de cada proponente, sendo que a caracterização de desvio ou inutilização implicará na devolução do equipamento e no descredenciamento para os repasses monetários futuros.

6.7. A falta de assinatura do Convênio para a realização do projeto, no prazo de 20 dias úteis, da data da publicação do resultado final da seleção publicada no Diário Oficial, implicará na renúncia ao apoio.

6.8. As despesas deverão ser comprovadas mediante relatório detalhado das atividades realizadas, acompanhada de documentos fiscais (cópia autenticada em cartório) ou equivalentes, devendo as faturas, recibos e quaisquer outros documentos comprobatórios serem emitidos em nome da Conveniente, devidamente identificados com o título do projeto e o número do Convênio.

6.9. A liberação das parcelas subsequentes só acontecerá após a efetiva comprovação de gastos e atividades da etapa anterior.

6.10. O não cumprimento das exigências constantes dos itens da obrigatoriedade de execução implicará na devolução dos recursos com os acréscimos legais e demais penalidades previstas na legislação vigente.

6.11. Os recursos, enquanto não empregados na sua finalidade, serão obrigatoriamente aplicados no mercado financeiro e a receita adicional deverá ser revertida integralmente para as atividades no o Ponto de Cultura.

7. DA OBRIGAÇÃO DA CONVENIENTE

7.1. Divulgar o nome do Ministério da Cultura/Governo Federal e do Programa Nacional Cultura Viva em todos os seus atos de promoção e divulgação do projeto, objeto do convênio, em destaque, no local do Ponto de Cultura e dos eventos e ações dele decorrentes.

7.1.1. As marcas do Ministério da Cultura/Governo Federal e do programa, deverão ser feitas de acordo com os padrões de identidade visual fornecidos pela Secretaria de Programas e Projetos Culturais, no ato da assinatura do Convênio, sendo vedada às partes a utilização de nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.

7.2. Cumprir fielmente a proposta aprovada, de acordo com as cláusulas pactuadas e a legislação pertinente, respondendo, pelas conseqüências de sua inexecução total ou parcial, de acordo com a legislação vigente.

7.3. Executar os projetos dentro da vigência do instrumento, conforme proposto no Plano de Trabalho apresentado, que será parte integrante do convênio.

8. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

8.1. É expressamente vedada alteração que implique modificação dos documentos que compõem o item 4.

8.2. Os projetos não selecionados ficarão a disposição das Instituições Organizações, para retirada às suas expensas, por um prazo máximo de 30 (trinta) dias, a partir da data de publicação do resultado final da seleção, sendo inutilizados depois de vencido este prazo.

8.3. O presente Edital ficará à disposição dos interessados na Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura ou no portal www.cultura.gov.br.

8.4. Posteriormente, será aberto um novo edital, quando as propostas não contempladas por quaisquer motivos poderão ser reapresentadas em sua forma original ou com eventuais correções que se façam necessárias.

8.5. Maiores informações poderão ser obtidas através dos telefones (61) 316-2282, 316 –2284 e 316-2219.

8.6. A Administração Pública não pode descumprir as normas e condições do edital, ao qual se acha estritamente vinculada (art. 41 da Lei nº 8666/93).

8.7. Os casos omissos serão dirimidos pela Comissão de Avaliação.

Ministério da Cultura
Brasília , 16 de julho de 2004

CÉLIO ROBERTO TURINO DE MIRANDA
*SECRETÁRIO DE PROGRAMAS
E PROJETOS CULTURAIS*

Pontos de Cultura selecionados no 1º Edital

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
016/2004	Centro de formação e produção audiovisual dos Povos Indígenas do Acre	Vídeo nas Aldeias	Olinda/PE
446/2004	Inter-Arte-Ação - Inclusão e Cidadania	Federação de Taetro Amador do Acre	Rio Branco/AC
544/2004	Oficina Som da Floresta	Associação Vertente	Rio Branco/AC
726/2004	Joga Capoeira Camarada!	Associação Recreativa e Cultural Mameluco	Rio Branco/AC
773/2004	Lumiar	Associação Candeeiro Aceso	Arapiraca/AL
379/2004	Circo-Escola Guerreiros da Vila	Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu-CEASB	Maceió/AL
472/2004	Circo-Escola de Incentivo às Artes (C.E.I.A.)	Companhia Teatro da Meia-Noite Artistas Associados	Maceió/AL
509/2004	Cultura Viva nos Quilombos	Instituto de Pesquisas Etnicas-IPE	Maceió/AL
538/2004	Poleiro dos Anjos	Casa da Arte	Maceió/AL
744/2004	Ponto de Cultura Ideário	Ideário Comunicação, Cultura e Educação Popular	Maceió/AL
768/2004	Boi de Carnaval - Inclusão Social Através da Cultura	Círculo Cultural Anima Alagoana	Maceió/AL
770/2004	Ecomuseu Comunitário Graciliano é um Graça	Projeto Graciliano é um Graça	Maceió/AL
468/2004	Caminhos de São Francisco	Associação Amigos de Piaçabucu - Olha o Chico	Piaçabucu/AL
416/2004	Cinema e Vídeo na Educação	AM Filmes Digitais	Manaus/AM
464/2004	Ponto de Cultura Pé na Taba	Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA-Pé na Taba)	Manaus/AM
829/2004	Voz para Comunidades da Floresta	Grupo de Trabalho Amazônico	Brasília/DF
136/2004	Preservação do Patrimônio: inclusão social mediante produção e utilização de multimídia	CEFET-BA/Unidade de Ensino Descentralizada de Barreiras	Salvador/BA
598/2004	Programa Cultura Viva	Sociedade Litero Musical Minerva Cachoeirana	Cachoeira/BA
791/2004	Terreiro Cultural	Centro de Estudos, Pesquisa e Ação Sócio-Cultural (CineClube & Cine Teatro Cachoeira)	Cachoeira/BA
373/2004	Preservação do Patrimônio: inclusão social mediante produção e utilização de multimídia	CEFET-BA/Unidade Metropolitana de Eunápolis	Eunápolis/BA
201/2004	Arte e Cultura Cidadã	Fundação Antonio Almeida e Silva - FUNDAL	Ipirá/BA
771/2004	Conexões: Ciberparque Anísio Teixeira - Irecê/BA	Fundação ADM	Salvador/BA
311/2004	Grãos de Luz e Griô: a Tradição Viva	Associação Grãos de Luz	Lençóis/BA
385/2004	Índios On-line	Thydewá	Salvador/BA
386/2004	Agência Mandacaru de Comunicação e Arte	Movimento de Organização Comunitária-MOC	Feira de Santana/BA
024/2004	Eletrocooperativa: Inclusão Digital Musical	Instituto Eletrocooperativa	São Paulo/SP
039/2004	Arte Talento e Cidadania	Liceu de Artes e Ofícios da Bahia	Salvador/BA
078/2004	Telecentro de Protagonismo Juvenil e seu Teatro Ambulante - Ponto Múltiplo de Cultura	Centro de Estudos Socioambientais Pangea	Salvador/BA
247/2004	Estúdio Mix	Comunicação Interativa - CIPÓ	Salvador/BA

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
255/2004	Pierre Verger: no CENTRO da Cultura Afro - Brasileira	Fundação Pierre Verger	Salvador/BA
269/2004	Projeto Ubuntu na Federação - Novas Tecnologias, Arte e Educação	Instituto Casa Via Magia	Salvador/BA
341/2004	Centro de Cultura Liberdade	Centro de Cultura Liberdade é Barra	Salvador/BA
353/2004	Jovem Artista	ACAT - Associação de Comunitária de Apoio, Qualificação e Cultura dos Trabalhadores da Bahia	Salvador/BA
415/2004	Enter - Uma Proposta de Inclusão Sócio-Digital	Centro Projeto Axé de Defesa e de proteção à Criança e ao Adolescente	Salvador/BA
498/2004	Espaço CUCA - Salvador - Centro Universitário de Cultura e Arte	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
654/2004	Arte Viva	APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Salvador/BA	Salvador/BA
720/2004	Preservação do Patrimônio: Inclusão Social Mediante Produção e Utilização de Multimídia	CEFET - BA / Sede	Salvador/BA
740/2004	Centro Cultural Parque Pituçu	Ecologia	Salvador/BA
826/2004	SER-TÃO Brasil - Redes de Artes e Sentidos	Centro de Referência Integral de Adolescentes	Salvador/BA
372/2004	Preservação do Patrimônio: inclusão social mediante produção e utilização de multimídia	CEFET-BA/Unidade Metropolitana de Simões Filho	Simões Filho/BA
741/2004	Cultura: Direito de Todos	Fundação Terra Mirim	Simões Filho/BA
573/2004	Preservação do Patrimônio: inclusão social mediante produção e utilização de multimídia	CEFET-BA/Unidade de Ensino Descentralizada de Valença	Valença/BA
254/2004	Preservação do Patrimônio: inclusão social mediante produção e utilização de multimídia	CEFET - BA/ Unidade de Ensino Descentralizada de Vitória da Conquista	Vitória da Conquista/BA
686/2004	música para todos	casa da cultura de vitória da conquista	Vitória da Conquista/BA
687/2004	abrindo velas, pescando culturas - caetanos de cima	associação dos pequenos agricultores e pescadores assentados do imóvel sabiaguaba	Amontada/CE
114/2004	Diversão e Arte	Escola de Dança Integração Social para Criança e Adolescente - EDISCA	Fortaleza/CE
177/2004	Artes de Verdes Mares - Ponto de Cultura de Encine	Núcleo Sócio-Cultural de Arte Audiovisual - ENCINE	Fortaleza/CE
273/2004	Centro Itinerante de Referência Cultural e Criação Coletiva	Federação de Entidades de Bairros e Favelas de Fortaleza - FBFF	Fortaleza/CE
354/2004	Projeto Escola de Artes	Academia de Ciências e Artes	Fortaleza/CE
424/2004	Reis Assentados	Associação Educativa Cultural Teatro da Boca Rica	Fortaleza/CE
439/2004	Curso Profissionalizante de Desenho e Aaminação	AMANDA - Associação Mundo Animado das Artes	Fortaleza/CE
660/2004	Circuito NoAr	NoAr Alpendre - Casa de Cultura e Cidadania	Fortaleza/CE
682/2004	Mercado Alternativo e Centros de Empreendedorismo e Referência Cultural	Movimento HIP HOP Organizado do Brasil - MH2O do Brasil	Fortaleza/CE
745/2004	Casa de Cultura Popular "Fala Favela"	Fundação Cultural Educacional Popular em Defesa do Meio Ambiente - Fundação CEPEMA	Fortaleza/CE

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
507/2004	Projeto Arte na Praça (PAP)	Associação Cultural Arte na Praça-ACAP	Guaraciaba do Norte/CE
737/2004	ECOS - Escola de Comunicação da Serra	Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga-AGUA	Guaramiranga/CE
238/2004	Produção de Vídeo e Formação de Platéia	Fundação Casa Grande - Memorial do Homem do Kariri	Nova Olinda/CE
465/2004	Som das Carnaubearas de Arte-Educação	Associação Carnaubeira de Arte-Educação	Russas/CE
595/2004	Abrindo Velas, Pescando Culturas - Flecheiras	Associação do Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras - ADCF	Trairi/CE
590/2004	Construção do Centro Cultural para fortalecimento da produção artística das comunidades camponesas e democratização da cultura brasileira	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
068/2004	Atitude Jovem	Organização Atitude	Ceilândia Sul/DF
099/2004	Espaço Cultural 100 Dimensão	Cooperativa Seletiva e Reciclagem de Resíduos Sólidos com Formação e Educação Ambiental	Riacho Fundo II/DF
014/2004	Oficina de Teatro Invenção Brasileira	Grupo de Teatro Mamulengo Presepada - Invenção Brasileira	Taguatinga/DF
382/2004	Ponto de Cultura do Varjão	Associação Olhos D'Água de Proteção Ambiental - AOPA	Varjão do Torto/DF
245/2004	Ponto de Cultura na Associação Salvamar	Associação Salvamar de Assistência à Criança e ao Adolescente	Guarapari/ES
585/2004	Centros de Formação e Cultura nas Áreas de Reforma Agrária	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
539/2004	Projeto Manguerê	Centro Cultural Caieiras	Vitória/ES
735/2004	Projeto CUCA (Centros Universitários Espírito Santo de Cultura e Artes)	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
017/2004	Ver e Ser Visto - Um pólo de produção de vídeo digital	Centro de Formação Integral - CENFI	Aparecida de Goiânia/GO
038/2004	Abrindo Janelas	Centro Cultural Eldorado dos Carajás	Goiânia/GO
579/2004	Protagonistas de cultura: sensibilização, participação e protagonismo cultural brasileiro, com assentados e acampados do Movimento Sem Terra em Goiás	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
220/2004	Incrementação do Núcleo de Arte e Informática da COEPI em Pirenópolis	Comunidade Educacional de Pirenópolis (COEPI)	Pirenópolis/GO
542/2004	Projeto Calu	Universidade Federal do Maranhão	São Luís/MA
583/2004	Estruturação do anfiteatro do Centro de Capacitação e Formação Padre Josimo Tavares	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
521/2004	Cultura da Gente	Instituto Sinergia: Gestão & Cidadania (OSCIP)	Imperatriz/MA
625/2004	Tambores do Quilombo Frechal	Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão - ACONERUQ	São Luís/MA
828/2004	Ponto na Quebrada - Ponto de Cultura /MHHOB/ Fome de Livro na Quebrada	Associação Estação da Arte, Cultura e Educação	São Paulo/SP

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
432/2004	Casa de Arte & Ofício Ponto de Partida e Bituca - Universidade de Música Popular	Associação Cultural Ponto de Partida	Barbacena/MG
015/2004	Cinema Meninos de Araçuaí	Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento	Belo Horizonte/MG
241/2004	Centro de Convergência de Novas Mídias- REDE.LE	Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa-FUNDEP	Belo Horizonte/MG
277/2004	A Fábrica - Reforma e Implantação	SeráQuê?Cultura	Belo Horizonte/MG
340/2004	Cine Aberto e Laboratório de Filmes do Aglomerado da Serra	CONTATO - Centro de Referência da Juventude	Belo Horizonte/MG
425/2004	De Gutemberg a Bill Gates	Memória Gráfica-typographia escola de gravura	Belo Horizonte/MG
019/2004	“Folclore nas Barrancas do São Francisco”: retomando, refazendo e percebendo os caminhos da cultura	O movimento do Graal no Brasil	Belo Horizonte/MG
471/2004	Fábrica do Futuro	Instituto Cidade de Cataguases	Cataguases/MG
185/2004	Casa da Juventude	FUMCULT	Congonhas/MG
618/2004	Você é Cultura	Fundação Tijuco para o Desenvolvimento da Cultura, Educação, Esporte e Ação Comunitária	Diamantina/MG
691/2004	Ponto de Cultura - Nas Trilhas da Cidadania cultural	Fundação Educaional do Vale do Jeiquinhonha	Diamantina/MG
356/2004	Fiação e tecelagem em algodão	Associação dos Artesãos de Francisco Badaró	Francisco Badaró/MG
750/2004	Aquisição de Mobiliário e Equipamentos para a Casa de Drummond - Centro de Inclusão Digital	Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade	Itabira/MG
817/2004	Música e Artesanato: Cultura Tradicional no Norte de Minas	Associação Cultural de Amigos do Museu do Folclore Edison Carneiro	Rio de Janeiro/RJ
275/2004	Ponto Volante de Cultura	Serviço Social Da Indústria - SESI	Mariana/MG
483/2004	Centro Cultural Conscienciarte	Fundação Conscienciarte	Paracatu/MG
244/2004	CriAção	Associação Pró-Desenvolvimento através da Arte -PRODARTE	Santa Rita do Sapucaí/MG
576/2004	Ponto Cultural e ambiental da Serra do Cipó	Associação Projeto Presente	Santana do Riacho/MG
271/2004	Raízes do Sertão	Associação de Desenvolvimento comunitário e Ação Social do Clube de Mães de São Gonçalo do Rio das Pedras	Serro/MG
125/2004	Moinho Cultural Sul Americano	Instituto Homem Pantaneiro	Corumbá/MS
192/2004	Casa da Cultura “Nãnderetã”	Associação “Amigo do Índio”	Dourados/MS
581/2004	Arte, Cultura, Cidadania e Geração de Renda	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
184/2004	AVE - Arte, Vida e Esperança	Associação Popular de Cultura Cacerense - APCUCA	Cáceres/MT
035/2004	Ciranda Digital	Projeto Ciranda - Música e Cidadania	Cuiabá/MT
190/2004	Ponto de Cultura Norte de Mato Grosso	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lucas do Rio Verde e Coletivo Regional da Rede GTA Norte Mato-grossense (Grupo de Trabalho Amazônico)	Lucas do Rio Verde/MT
084/2004	Rio Pela Arte	União de Mulheres de Belém	Belém/PA

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
754/2004	Laboratório de MDB - Música Digital Brasileira	Sociedade Visconde Inhauma	Belém/PA
473/2004	COMVIDA Ponto de Cultura	CONVIDA - Associação Cultural Caminho de Vida	Rondon do Pará/PA
436/2004	Espaço Cultural na Amazônia - Investindo na Cultura e no Conhecimento para Preservar a Floresta	Grupo de Ação Ambiental Vila Viva	Santarém/PA
442/2004	Cultur Ribeirinha de Santarém	Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém	Santarém/PA
350/2004	Multivisual.NET - Bananeiras Brejo da Paraíba	Paraíba - Coletivo de Assessoria e Documentação	João Pessoa/PB
345/2004	Espaço CUCA - Centro Universitário de Cultura e Arte / Campina Grande	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
257/2004	Oficina Escola - Patrimônio Histórico e Cultura	Oficina Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa	João Pessoa/PB
351/2004	PARA'IVA - Multivisual Net	Paraíba - Coletivo de Assessoria e Documentação	João Pessoa/PB
649/2004	Centro de Cultura Popular Piollin	Escola Piollin	João Pessoa/PB
651/2004	Urbe Audiovisual	Associação Brasileira de Documentaristas, Seção Paraíba (ABD-PB)	João Pessoa/PB
790/2004	Rede de Comunicação e Cultura do Semi-árido	Centro de Cultura Luiz Freire/TV Viva	Olinda/PE
315/2004	Ponto de Cultura - Estrela de Ouro	Grupo Cultural Maracatu Estrela de Ouro	Recife/PE
532/2004	Estação da Cultura	Associação Estação da Cultura	Arcoverde/PE
204/2004	Cultura Viva: Jovens Comunicadores na Era da Inclusão Digital	Centro de Mulheres do Cabo	Cabo de Santo Agostinho/PE
592/2004	Centro de Cultura e da Cultura Camponesa e de Reforma Agrária do Agreste Pernambucano	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
679/2004	Arte Afro Menina Mulher	Casa Menina Mulher	Recife/PE
701/2004	Encontro Cultural - Jovem Cidadão	Associação Musical e Cultural de Cavaleiro	Jaboatão dos Guararapes/PE
066/2004	Carnaval da Ala Alafin Mimi	Associação Recreativa Carnavalesca Afoxé Alafin Oyó	Olinda/PE
074/2004	Projeto Memorial Severina Paraíso da Silva - Mãe Biu	Associação dos Amigos do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano	Recife/PE
098/2004	Nossos Patrimônios Vivos	Associação Veredas: cidadania, cultura e patrimônio	Olinda/PE
408/2004	De Antena Ligada	C.A.I.S. do Parto: Centro Ativo de Integração do Ser	Olinda/PE
534/2004	Núcleo de Memória e Produção de Cultura Popular Coco de Umbigada - Djumbay	Direitos Humanos e Desenvolvimento Local Sustentável	Recife/PE
545/2004	Cinema de Animação	Centro de Cultura Popular Viva Arte	Olinda/PE
591/2004	Centro de Cultura da Reforma Agrária e Cidadania do Centor Francisco Julião - Olinda-PE	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
695/2004	OCAS - Oficinas Culturais de Artes e Saúde	GRAÚNA - Juventude, Gênero, Arte e Desenvolvimento	Olinda/PE
147/2004	Implantação do Centro Cultural Forte de Pau Amarelo	Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico	Recife/PE
112/2004	Versos do Semi-Árido	Associação Programa 1 Milhão de Cisternas (AP1MC)	Recife/PE

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
249/2004	Projeto CUCA (Centro Universitários de Cultura e Arte) Pernambuco	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
258/2004	Pilares de Um Recife	Centro de Diversidade Cultural Teatro Armazém	Recife/PE
280/2004	Protagonizando o Espetáculo da Vida!	Grande Circo Arraial - Escola Pernambucana de Circo	Recife/PE
398/2004	Auto-estima	ONG Alto Falante	Recife/PE
418/2004	Voz da Criança pelo Maracatu	Maracatu de Baque Virado Encanto da Alegria	Recife/PE
627/2004	Núcleo de Comunicação Comunitária do Recife	Associação das Entidades Coordenadoras e Usuárias do Canal Comunitário do Grande Recife - Canal Capibaribe	Recife/PE
784/2004	Jovens Quilombolas: Voz e Resistência	Associação Quilombola de Conceição das Crioulas	Olinda/PE
458/2004	Cultura ao Alcance de Todos	Escandalo Legalizado Teatro	Floriano/PI
664/2004	Projeto Cultural "O Grito do Ipiranga"	Fundação Cultural Enéas de Carvalho	Ipiranga do Piauí/PI
404/2004	Ponto de Cultura Quilombo Rosário Oeiras Piauí	Fundação Dom Edilberto Dinkelborg	Oeiras/PI
157/2004	Cordel nas Escolas	Fundação Nordestina do Cordel	Teresina/PI
587/2004	Resgate e Conhecimento da Cultura do Meio Rural	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
037/2004	Estúdio Livre	Comitê para Democratização da Informática no Paraná	Curitiba/PR
512/2004	Projeto CUCA (Centros Universitários de Cultura e Arte) Paraná	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
548/2004	Caranava da Alevria - 2ª Etapa	Companhia de Teatro Amadeus	Foz do Iguaçu/PR
079/2004	Vivenciando a Cultura	Centro de Produtores Independentes de Arte e Cultura - CEPIAC	Londrina/PR
588/2004	Resgate e Conhecimento da Cultura Camponesa	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
589/2004	Resgate e Conhecimento da Cultura Camponesa	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
113/2004	Pólo APAC de Artes Visuais e Música	Associação de Proteção à Arte e à Cultura de Sertanópolis	Sertanópolis/PR
380/2004	Instituto Cultural Martinho da Vila - Inclusão Social e Cidadania Cultural	Instituto Cultural Martinho da Vila	Duas Barras/RJ
025/2004	América: Arte e Cultura na Baixada	Associação dos Amigos do América-Baixada - AMAB	Mesquita/RJ
108/2004	Programa de Inclusão Audiovisual e Digital na Oficina do Parque	Oficina do Parque	Niterói/RJ
535/2004	Oficina de Comunicação Comunitária Cultural e Ambiental do Barreto	Associação de Formação Social, Cultural e Ambiental do Barreto	Niterói/RJ
205/2004	Oficina Permanente de Teatro e Circo	Casa do Menor de São Miguel Arcanjo	Nova Iguaçu/RJ
675/2004	Vídeo - Cultura e Trabalho	Centro de Integração Social Amigos de Nova Era	Nova Iguaçu/RJ
450/2004	Patrimônio Imaterial e Geração de Renda em Paraty	Instituto Tannus Assistencial Educacional	Paraty/RJ
519/2004	Projeto Cultural Manoel Martins	Associação de Moradores de Campinho	Paraty/RJ
072/2004	Ponto de Cultura Estação Barão de Mauá	Serviço Social das Estradas de Ferro- Sesef	Rio de Janeiro/RJ
110/2004	Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha	Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância - CIESPI	Rio de Janeiro/RJ

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
128/2004	Casa da Música	Associação de Moradores do Jacarezinho	Rio de Janeiro/RJ
137/2004	Tá na Rua Brasil - Escola Carioca de Espetáculo	Instituto Tá Na Rua, para Artes, Educação e Cidadania	Rio de Janeiro/RJ
141/2004	Oficina de Arte da Casa das Artes de Vila Isabel	Associação Casa das Artes de Educação e Cultura	Rio de Janeiro/RJ
180/2004	Ponto de Cultura Memória de Santa	Viva Santa	Rio de Janeiro/RJ
181/2004	Projeto CUCA (Centros Universitários de Cultura e Arte) Rio de Janeiro	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
216/2004	Ponto de Cultura Papo Cabeça	Viva Rio	Rio de Janeiro/RJ
217/2004	Projeto As Novas Ondas da Maré	Ação Comunitária do Brasil do Rio de Janeiro - ACB/RJ	Rio de Janeiro/RJ
225/2004	Arte Ponto a Ponto em Padre Miguel	Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável	Rio de Janeiro/RJ
235/2004	Casa do Teatro do Oprimido	Centro de Teatro do Oprimido-CTO-RIO	Rio de Janeiro/RJ
343/2004	Centro Interativo de Circo	Centro Interativo de Circo	Rio de Janeiro/RJ
433/2004	Oficinas de Arte da Casa das Artes da Mangueira	Associação Casa das Artes de Educação e Cultura	Rio de Janeiro/RJ
449/2004	Pólo de Cultura Centro Cultural Roda Viva	Associação Projeto Roda Viva	Rio de Janeiro/RJ
463/2004		Central Única das Favelas - CUFA	Rio de Janeiro/RJ
470/2004	Espaço de Construção da Cultura	Associação Comitê da Ação da Cidadania	Rio de Janeiro/RJ
493/2004	Orquestra de Violinos	Centro Cultural Cartola	Rio de Janeiro/RJ
502/2004	Oficina de Samba Escola da Vida	ONG Projeto Liberdade	Rio de Janeiro/RJ
533/2004	Ponto de Cultura Sinval Silva de Memória e Criação Musical da Tijuca	Instituto Trabalho e Cidadania	Rio de Janeiro/RJ
594/2004	Ponto de Cultura CIDS-VG	Ação Social Frei Gaspar	Rio de Janeiro/RJ
626/2004	Damas da Camélia	AMOCAVIM - Associação de Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimososa	Rio de Janeiro/RJ
655/2004	O Som das Comunidades	Grupo de Formação de Educadores Populares - GEFEP	Rio de Janeiro/RJ
671/2004	Escola de Jongo da Serrinha	Grupo Cultural Jongo da Serrinha	Rio de Janeiro/RJ
760/2004	Núcleo de Produção Audiovisual do Grupo Nós do Morro	Grupo Nós do Morro	Rio de Janeiro/RJ
763/2004	Museu da Maré: Identidade e Cultura	Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré	Rio de Janeiro/RJ
819/2004	Levantando a Lona	Grupo Cultural Afro Reggae	Rio de Janeiro/RJ
279/2004	Arte Educação no Ponto	Centro Ativo de Programas Sociais	São Gonçalo/RJ
307/2004	Juventude Viva - Protagonismo, Casa da Cultura Arte e Cultura da Paz	Centro de Formação Artística e Cultura da Baixada Fluminense	São João de Meriti/RJ
823/2004	Casa do Compositor	Faculdades Católicas	Rio de Janeiro/RJ
248/2004	Projeto Integração pela Música - PIM	Sociedade Musical Nossa Senhora da Conceição	Vassouras/RJ
100/2004	Fotografia e Identidade	Galeria ZooN de Fotografia	Natal/RN

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
506/2004	Sons da Vila	Centro de Cultura da Vila de Ponta Negra	Natal/RN
602/2004	Ruas da Memória - Diversidade Cultural das Rocas/RN	Espaço Cultural Casa da Ribeira	Natal/RN
639/2004	A Arte Transformando Vidas	Casa Renascer	Natal/RN
499/2004	Art Total	Associação de pais e professores da Escola Estadual de Ensino fundamental Jardim das Pedras	Ariquemes/RO
792/2004	Voz para Comunidades da Floresta	Grupo de Trabalho Amazônico	Brasília/DF
090/2004	De Olho na Cultura	Associação Integração de Radiodifusão Comunitária	Alvorada/RS
176/2004	Chibarro	Universidade Federal de Pelotas	Capão do Leão/RS
676/2004	Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas	Universidade Católica de Pelotas	Pelotas/RS
056/2004	Ponto de Cultura Campo da Tuca	Associação Comunitária do Campo da Tuca	Porto Alegre/RS
065/2004	Jovem Comunicador	Fundação de Atendimento Sócio-educativo	Porto Alegre/RS
196/2004	CUCA/UNE (Centro Universitários de Cultura e Arte) Rio Grande do Sul	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
355/2004	Espelho da Comunidade	Oficina de Vídeo - TV OVO	Santa Maria/RS
624/2004	Ponto a Ponto Tecendo Cidadania	Programa de Apoio a Meninos e Meninas - Centro de Defesa Bertoldo Weber	São Leopoldo/RS
580/2004	Partilhando Arte e Cultura	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
582/2004	Biblioteca do Centro de Formação de Trabalhadores do MST	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
616/2004	Circo-Escola de Barra Velha	Grupo Circo escola e Teatro de Lona Cultural de Santa Catarina	Barra Velha/SC
666/2004	Portal Cultural O Contestado	Agência de Desenvolvimento Regional Integrado do Planalto Norte Catarinense-ADR-PLAN	Canoinhas/SC
659/2004	Se Essa Mídia Fosse Minha...	Cia. de Cultura	Florianópolis/SC
010/2004	Cultura Nativa no Caminho das Tropas	Centro de Tradições Gaúchas Anita Garibaldi	Lages/SC
229/2004	Loja de Artesanato- Museu nacional do Mar	Associação Amigos do Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras	São Francisco do Sul/SC
376/2004	Escolinha de Artes Infantil	Fundação Cultural Ilha de São Francisco do Sul	São Francisco do Sul/SC
412/2004	Nosso Palco é a Rua	Imbuça Produções e Artísticas	Aracaju/SE
520/2004	Figuras em Trânsito	Centro de Estudos Casa CURTA-SE	Aracaju/SE
586/2004	Valorização e Conhecimento da Cultura no Meio Rural	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
497/2004	Centro Cultural Pioneiros de Andradina - Ponto de Cultura de Todos Nós!	Instituto Cultural Orensy Rodrigues da Silva - ICOROS	Andradina/SP
126/2004	Tradição e Tecnologia no Vale do Ribeira - uma alternativa para a inclusão	Instituto Arte Sustentado - Planejamento Sócio-Artístico Cultural	São Paulo/SP
105/2004	Casa da Ecologia: Ponto de Cultura Ambiental	Instituto Pau Brasil de História Natural	Arujá/SP

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
063/2004	Casa de Cultura Tainã -Projeto Mocambos	Casa de Cultura Tainã	Campinas/SP
620/2004	Cinema em Palavras	Centro Cultural Louis Braille de Campinas	Campinas/SP
076/2004	Culturando	Instituto Casa da Gente	Carapicuíba/SP
400/2004	Cineclube - Diversão e Arte para qualquer parte	Centro de Educação e Formação de Carapicuíba	Carapicuíba/SP
712/2004	OCA - Escola Cultural	OCA - Associação da Aldeia de Carapicuíba	Carapicuíba/SP
584/2004	Equipamentos Pedagógicos-Escola Nacional Florestan Fernandes	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
467/2004	Centro de Cultura Caiçara da barra do Ribéria (Juréia)	Associação dos Jovens de Juréia - AJJ	Iguape/SP
023/2004	Arquitetando Idéias	Sociedade Olimpiense de Educação e Cultura LTDA - Faculdade Ernesto Riscali	Olímpia/SP
155/2004	Conexão Planeta Piracicaba	Centro Comunitário do Parque Piracicaba	Piracicaba/SP
234/2004	Dança Cida	Associação Dança Vida	Ribeirão Preto/SP
647/2004	Resgate da Cultura Camponesa como Instrumento de Identidade do Homem do Campo	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
095/2004	Rio Claro Cidade Viva	Centro Voluntariado de Rio Claro	Rio Claro/SP
077/2004	Santo André Cultura Viva	Escola Sindical São Paulo - CUT	São Paulo/SP
619/2004	Laboratório de Produção Audiovisual	Ação Jovem de Apoio a Eduação, Cultura e Pesquisa - AJA	Santo André/SP
096/2004	Arte no Dique	Instituto Elos - Brasil	Santos/SP
441/2004	Ponto de Cultura - São José dos Campos	Associação Cultural e Ecológica ao Renascimento das Artes	São José dos Campos/SP
044/2004	Galpão Arte em Construção	Instituto Pombas Urbanas	São Paulo/SP
051/2004	Ponto de Cultura UNEGRO/SP	União de Negros pela Igualdade - UNEGRO	São Paulo/SP
092/2004	Sementeira Cultural	Clube Desportivo Municipal do Parque América	São Paulo/SP
131/2004	Ateliês de Arte da Casa do Zezinho	Cooperativa Educacional e Assistencial Casa do Zezinho	São Paulo/SP
138/2004	Policultural	Instituto do Grêmio Politécnico para o Desenvolvimento da Educação Cursinho da Poli - USP	São Paulo/SP
164/2004	Projeto CUCA (Centro Universitários de Cultura e Arte) São Paulo	União Nacional dos Estudantes - UNE	São Paulo/SP
182/2004	Oficina de Sonhos	Fundação Projeto Travessia	São Paulo/SP
237/2004	Atuação do Parque CienTec no Projeto Ciência Móvel	Universidade de São Paulo - USP	São Paulo/SP
239/2004	Cultura na Vila	G.R.C.S.E.S. Unidos da Vila Maria	São Paulo/SP
319/2004	Ponto de Cultura na UMES	União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo-UMES	São Paulo/SP

Nº de Ordem	Título do Projeto	Entidade Proponente	Cidade/UF
389/2004	Ponto de Cultura da Vila Buarque	Instituto de Pesquisa e Projetos Sociais e Tecnológicos-IPSO	São Paulo/SP
422/2004	Escola de Samba e Choro da Zona Leste	Grêmio Recreativo e Cultural Bloco Carnavalesco Mocidade Independente da Zona Leste	São Paulo/SP
438/2004	Núcleo de Ação Cultural CEDECA Interlagos	CEDECA Interlagos - Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente	São Paulo/SP
516/2004	Núcleo de Cultura Chico Mendes	Sampa.org	São Paulo/SP
528/2004	Núcleo de Cultura Biboca	Sampa.org	São Paulo/SP
615/2004	Formação de agente comunitário de comunicação	Associação Cultural e Educativa Ética e Arte na Educação	São Paulo/SP
631/2004	De Olho na Tela - Projeto Casulo	ICE - Instituto de Cidadania Empresarial	São Paulo/SP
685/2004	centro de formação campo cidade - preservando a identidade cultural	Associação Nacional de Cooperação Agrícola-ANCA	São Paulo/SP
713/2004	Rede de Cultura Sem Teto	Instituto Sincronicidade para a Interação Social	São Paulo/SP
719/2004	A Margem de Sampa Cultural Heliópolis Meio&intrameios	UNAS - União de Núcleos Ass. Soc. Heliópolis	São Paulo/SP
721/2004	TO AÍ (Time de Oficinas Artíficas Integradas)	Associação Comunitária Cultural Constelação - ACCC	São Paulo/SP
725/2004	Formação de Educadores Brincantes	Teatro Escola Brincante	São Paulo/SP
764/2004	Brincando na Universidade: LABRIMP e MEB como Espaços de Cultura	FAFE - Fundação Apoio a Faculdade de Educação	São Paulo/SP
789/2004	Projeto Multiplicação e Cultura	CaSa dos Meninos	São Paulo/SP
825/2004	Produtora Junior Novolhar	Associação Novolhar	São Paulo/SP
827/2004	Agência Cultural Templo da Cidadania	Cineclube Cauim	São Paulo/SP
047/2004	Núcleo de Cultura e Educação dos Povos do Mar	Centro Cultural São Sebastião Tem Alma	São Sebastião/SP
454/2004	CulturAtiva Camará	Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência	São Vicente/SP
013/2004	Ponto de Cultura Gaivota Ubatuba	Associação Cultural Comunitária Gaivota	Ubatuba/SP
678/2004	Tambores do Tocantins	COMSAUDE - Comunidade de Saúde Desenvolvimento e Educação	Porto Nacional/TO

Participações

Comissão Julgadora do Primeiro Edital

Célio Roberto Turino de Miranda

Presidente da Comissão

Elder Vieira dos Santos

Chefe de Gabinete da SPPC

Álvaro Pontes de Magalhães

Gerente de Projetos da SID

Ranulfo Alfredo Manevy

Assessor Especial da SE

Ana Paula Dourado Santana

Coordenadora de Mostras e Festivais/SAV

Maristela Debeneste

Gerente de Documentação e Informação da SPC

Miguel Ribeiro Neto

Gerente da SAI

Adair Leonardo Rocha

Assessor Especial do Ministro da Cultura

Marta Rosa Figueira Queiroz

Chefe de Gabinete da Fundação Cultural Palmares

Equipe da Secretaria de Programas e Projetos Culturais

Elder Vieira
Chefe de Gabinete

EQUIPE

Eric Meireles de Andrade
Ana Paula Palamartchuk
Elisiário Palermo Júnior
Antônio de Pádua de Lima Brito
Marianne Nassuno
Aldo de Miranda Rocha
Cláudio Prado
Marcos Verlaine da Silva Pinto
Eliete do Carmo Braga
Fabiana Teixeira Barbosa
Danielle dos Santos Miranda
Regina Célia Rodrigues Neto
Danielle Rodrigues de Sousa
Gicelda Ferreira da Silva
Oswaldo Henrique Pinto de Farias
Ana Maria Moreira de Alvarenga Nascimento

Célia Maria Santos Moreira Barbosa
Maria Irislene Marques da Silva
Paulo de Queiroz Maia
Anete Vidal
Antônio Carlos Ziza
Fátima Aparecida de Mello
Vitor Cheregati
Leandro Carneiro Fossá
Uiraporã Maia do Carmo
Ananias Pereira Batista Filho
Fernando Rodrigues Paiva
Leonardo Mattos
Ralf Rodrigues
Luciana Oliveira Alves de Souza
Juliana Oliveira
Sheila Soares Santana
Terezinha Nobre da Silva
Paula Sabrina de Oliveira Souza
Flávia Novaes
Daniel Ilirian de Carvalho

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO

Fábia Galvão Costa Machado
Mariana Alencar Dornelles

Representantes Regionais

Mirane Girão Albuquerque
Representante Regional do
Rio de Janeiro e Espírito Santo

Simone Maria Barbosa Silva Araújo
Representante Regional de Minas Gerais

Tarciana Gomes Portella
Representante Regional do Nordeste

José Roberto Aguilar
Representante Regional de São Paulo

Rozane Maria Dalsasso
Representante Regional do Rio Grande do Sul



Imagem:
Grupo Cultural
Afro Reggae
Projeto Levantando
a Lona

Coordenação editorial
DMF Congressos, Planejamento e Assessoria Ltda
dmf@dmf-eventos.com.br

Impressão
Estação Gráfica Ltda
estagraf@estagraf.com.br

Fotografias
Arquivo do Ministério da Cultura e Banco de Imagens *Royalty Free*